



ARTE CERÂMICA NO MARANHÃO

Walter Rodrigues Marques

2019



Reitora

Naír Portela Silva Coutinho

Pró-Reitoria De Pesquisa, Pós-Graduação E Inovação

Allan Kardec Duailibe Barros Filho

Centro De Ciências Sociais

Lindalva Martins Maia Maciel

Pós-Graduação Em Gestão Do Ensino Da Educação Básica

Antônio de Assis Cruz Nunes

Orientador da Pesquisa

João Fortunado Soares de Quadros Júnior

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
INTRODUÇÃO	6
CARACTERIZAÇÃO DA MATÉRIA-PRIMA DA CERÂMICA	8
MATERIAIS E FERRAMENTAS	9
UMA HISTÓRIA DA ORIGEM DA CERÂMICA	10
A CERÂMICA NO MUNDO ORIENTAL	13
A cerâmica da China	13
A cerâmica da Coreia	14
A cerâmica do Japão	15
A cerâmica do Egito	16
A cerâmica da Mesopotâmia	17
A CERÂMICA DO MUNDO OCIDENTAL	18
A cerâmica da Grécia	18
A CERÂMICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE ARTE DO PNLD 2018-2020	21
CIVILIZAÇÕES PRÉ-COLOMBIANAS	26
A Cerâmica Pré-Colombiana do México e América Central	26
A Cerâmica do Sudoeste Norte-Americano	30
A Cerâmica Pré-Colombiana Sul-Americana - Peru	34
A CERÂMICA NO BRASIL	35
A CERÂMICA NO NORTE DO BRASIL (Pará e Amapá)	37
Pará: <i>Cerâmica da Cultura Marajoara</i>	38
<i>Cerâmica da Cultura Santarém</i>	38
<i>Cerâmica da Cultura Konduri</i>	38
Amapá: <i>Cerâmica da Cultura Maracá</i>	38
A cerâmica no Nordeste do Brasil: Pernambuco	40
A cerâmica no Nordeste do Brasil: Maranhão	41
Humberto de Campos	42
Rosário	43
APÊNDICE 1	46
APÊNDICE 2	47
LISTA DE FIGURAS.....	49
REFERÊNCIAS	51

PROGRAMA DA DISCIPLINA

Ementa

Explicitar a importância da cerâmica. Tratar da origem, da história, dos mitos relacionados à cerâmica. Composição e preparação da argila. Processos e técnicas de modelagem. Secagem e queima das peças. Processos e técnicas de decoração. Adequação ao ensino médio. Traçar a relação da cerâmica no contexto local, sua utilidade e relação com o cotidiano da comunidade. Estabelecer noções de identidade e pertencimento a partir da produção da cerâmica na região.

Objetivo Geral

- Promover o estudo de materiais e técnicas de cerâmica e aplicabilidade em sala de aula abordando contextos da origem à atualidade com foco na produção artesanal da cerâmica local.

Objetivos Específicos

- Conhecer as técnicas da arte da cerâmica artesanal desde a origem (egípcios, mesopotâmicos, gregos, povos da América pré-colombiana);
- Identificar os diversos materiais utilizados no processo da arte da cerâmica;
- Desenvolver e implementar os processos de aplicação das técnicas da arte cerâmica em sala de aula.
- Estabelecer vínculos de identidade e pertencimento dos estudantes com a produção cerâmica local.

Abordagem histórica

- Origem da cerâmica enquanto fazer humano – utilitário e apreciativo;
- História da cerâmica nas civilizações antigas – China, Grécia, Japão;
- História da cerâmica na América pré-colombiana e Brasil pré-cabralina;
- Cerâmica no Norte e Nordeste do Brasil;
- Cerâmica no Maranhão;
- Identificação e reconhecimento das obras de diversos estilos e períodos da história da cerâmica com a produção local.

Materiais e ferramentas

- Argilas, suas massas;
- Composição e preparação;
- Equipamentos e instrumentos de trabalho;
- Materiais para cerâmica, os pigmentos e os vidrados;
- Emprego dos materiais cerâmicos.

Técnicas e forma

- Técnica de modelagem em cerâmica;
- Construção de objetos cerâmicos utilitários;
- Escultura em cerâmica;
- Principais técnicas utilizadas no Brasil atual.

Queima e fornos

- Tipos de queima;
- Tipos de fornos;
- Trabalhos em tornos.

Procedimentos didáticos

Exposição do conteúdo, orientação para aplicação de técnicas, conceituação teórica.

Avaliação

A avaliação permeará todo o processo de aplicabilidade da proposta da disciplina, buscando compreender as relações dos estudantes com a cerâmica. A proposta será avaliada pelos estudantes ao final da aplicação, o que implicará nas considerações de sua viabilidade e aplicabilidade (reprodutibilidade).

APRESENTAÇÃO

Bozzano (2016) em *Arte em interação* discute as origens das manifestações artísticas apontando sua materialidade e imaterialidade. As manifestações materiais, por serem físicas e concretas, deixam vestígios, como as pinturas rupestres e as esculturas. Já as imateriais como a música, a dança, as representações cênicas só deixaram registros de sua existência através da representação em pinturas, objetos e vestes. Os objetos mais antigos que se conhece são de pedra e osso e datam de aproximadamente 40 mil anos atrás, como a *Figura zoomorfa* (entalhada em marfim de mamute) que apresenta características humanas (corpo) e a cabeça de leão (animal), a flauta de osso de 35 mil anos atrás e a mais conhecida – *Vênus de Willendorf* (esculpida em pedra calcária) – que data de 24 mil anos a. C.

O presente material didático visa apresentar uma breve origem da cerâmica que, evidentemente, se caracterizou primeiramente como artesanal – manejo do barro para modelar peças para uso cotidiano e simbólico – e em seu desenvolvimento, a produção em escala industrial, como apontam os estudos da paleontologia e da arqueologia, surgem somente alguns milênios depois de seu aparecimento e/ou descoberta como fazer humano.

Mas, a menção mais antiga ao uso do barro que se conhece está na seguinte afirmação: “Então lahweh Deus modelou o homem com a argila do solo” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 35). Considerando o primeiro uso da argila para modelar, Deus foi o primeiro artista da existência. Pois, modelou todos os viventes a partir do barro.

Portanto, a cerâmica, que por muitos milênios foi apenas artesanal, desenvolve a posteriori o processo de industrialização (produção em larga escala e comercialização), mas perdura com algumas de suas características originais até a atualidade, resistindo ao tempo e ao próprio “processo civilizatório”. Na pesquisa de campo (em Humberto de Campos e Rosário, municípios do Estado do Maranhão), isso pôde ser verificado.

De acordo com “*O Guia visual definitivo de arte: da pré-história ao século XXI*” (PUBLIFOLHA, 2012), os primeiros vasos de cerâmica conhecidos são da Sibéria e do Japão e datam de mais ou menos 11000 a. C. Segundo Ros i Frigola (2006), as mais antigas peças de que se tem notícia são de cerca de 6000 a. C. e são provenientes da Anatólia, Síria e Ásia Menor. Segundo Meira et al. (2016) no atual estado do Pará, vestígios arqueológicos de grupos humanos demonstram a produção de cerâmica por volta de 6000 a. C. Costa (2000) relata as relações de intercâmbios comerciais e culturais que enriqueceram o patrimônio civilizacional e artístico das populações do Vale do Níger, na África Ocidental, há pelo menos 10 000 a. C.

Segundo Costa (2000, p. 20), é “a cerâmica, denominador comum de todas as populações sedentarizadas ao longo do Níger”, que tinha por utilidade cozinhar alimentos, armazenar ou transportar produtos e servir a ritos funerários. Nota-se que há certa divergência entre as fontes históricas, o que caberá maior análise em estudos posteriores.

A partir da análise da presença da cerâmica nos livros didáticos do componente curricular Arte do PNLD 2018-2020 (Plano Nacional do Livro Didático) iniciei a elaboração da presente proposta didática para abordar os conteúdos da cerâmica em sala de aula. O que pude perceber é que a cerâmica está presente nos livros didáticos, mas como ilustração para embasar discussão de outros temas. Não que isso esteja sendo considerado errado, pois a Arte se utiliza de conhecimento variado no intuito de melhorar o ensino e a aprendizagem. Mas, objetivo deste estudo é centralizar a cerâmica como tema gerador das discussões com destaque para a produção cerâmica artesanal local e sua utilidade prática e simbólica. Para isso, parte-se da cerâmica apresentada nos livros didáticos para se introduzir a cerâmica local (dos municípios de Humberto de Campos e de Rosário) nas aulas de Arte comparando semelhanças e diferenças ou ausências. Destas, serão analisados os contextos artísticos, sociais, econômicos, étnico-culturais – a relação dessa produção cerâmica com a maranhensidade.

Os livros abordam a cerâmica em temas como o que apresenta Meira et al. (2016): a unidade 1 trata das matrizes culturais, destacando o primeiro capítulo como “As culturas indígenas”, o segundo “As culturas africanas” e o terceiro “A cultura da Grécia antiga”. É no estudo desses temas que a cerâmica, ou melhor, os objetos cerâmicos estão introduzidos. É a partir da abordagem cultural que os livros discutem a cerâmica.

Portanto, será a partir dos temas tratados e discutidos nos livros didáticos do PNLD que a discussão dessa proposta pretende inviesar, traçando paralelos com as culturas apresentadas e suas relações com a ancestralidade. Todo o esforço será para correlacionar a cerâmica do Maranhão com as cerâmicas das civilizações antigas e seus efeitos na contemporaneidade.

Como toda escolha é também um tipo de exclusão, ao focar na produção de cerâmica artesanal, esta pesquisa não abarca o azulejo, a porcelana, as cerâmicas produzidas em escalas industriais, etc. Também deixará de fora do estudo a produção de cerâmica artesanal de vários outros municípios do Estado do Maranhão que têm uma produção em níveis variados, onde os ceramistas às vezes trabalham diariamente, outras vezes trabalham por demandas, ou ainda, sazonalmente.

INTRODUÇÃO

*“Então Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo”
(Bíblia de Jerusalém, 2002).*

Não se sabe quando o homem começou a criar obras de arte, nem o motivo por que fazia, qual a aparência, etc. Os vestígios de utensílios feitos pelo homem remontam a 2 milhões de anos e fazer é um ato complexo que exige a capacidade prévia de pensar. Logo, o homem começou a ver configurações de coisas da natureza como pedaços de rocha e associou forma à função e o grande passo dado pelo homem foi aparar, desbastar ou talhar instrumentos naturais dando-lhes forma e utilidade – eis o primeiro trabalho artesanal e é a partir disso que inicia o Paleolítico (JANSON, 2001).

A cerâmica não é uma exclusividade de determinado povo ou civilização. Todas as sociedades desenvolveram cerâmica em todas as partes do planeta Terra, servindo, portanto, à humanidade tanto na forma utilitária quanto simbólica, artística e estética. Do final do Mesolítico ao início do Neolítico a Cerâmica aparece juntamente com a Agricultura.

“O homem concebeu a Cerâmica apenas pela razão de ter um receptáculo adequado que pudesse resistir às inclemências do fogo e que permitisse, por meio de sua ação, poder reciclar e tirar proveito de numerosas substâncias que ele mesmo não estava fisiologicamente em condições de aproveitar (PARIS, 1996, p. 34-35, tradução minha).”

O Paleolítico termina com a Revolução Neolítica, a qual teve início no Oriente Médio por volta de 8000 a. C. quando o homem iniciou a domesticação de animais, o cultivo de plantas (gramíneas cerealíferas) e a sedentarização, começando uma forma nova de viver, diferente da errante vida paleolítica. É, a partir desse novo estilo de vida que as atividades artesanais como a cerâmica, a fiação e a tecelagem surgem, muito antes do uso dos metais. O Neolítico legou à posteridade “uma variedade infinita de vasos de barro, cobertos de desenhos abstratos e geométricos”, totalmente diferentes da pintura e escultura paleolíticas (JANSON, 2001, p. 46). As mais antigas peças com uso do barro que se conhece datam de 6000 e 5000 a. C. (JANSON, 2001; ROS I FRIGOLA, 2006).

O desenvolvimento da cerâmica se deu no mundo antigo, com a fixação na terra e o consequente abandono do nomadismo, domesticação dos meios de sobrevivência - dos animais e da natureza - pecuária e agricultura. Essas sociedades antigas desenvolveram seus objetos utilitários e também simbólicos e, consequentemente, com qualidades artístico-estéticas que ainda na atualidade provoca admiração na perícia com que tais sociedades desenvolveram habilidosas técnicas de feitura de seus objetos.

A Cultural Ocidental, ou seja, a ocidentalização dos povos tem no mundo grego (europeização) sua pedra filosofal. Com isso, invisibilizou o Mundo Oriental que tal qual, que ficou relegado ao mito, à crença, mas nunca a produtor de conhecimento. A atualidade contesta tal posicionamento, afirmando que o Oriente produziu, tanto quanto o Ocidente, arte, cultura, política, medicina, sistemas econômicos, filosofia, ciência, abstrações da realidade.

A China, o Japão, a Coreia, o Egito, as civilizações Incas, Astecas, Maias, Tupiguaranis – desenvolveram sistemas abstratos de condução e organização da política, da arte, da cultura, com filosofias próprias e foram invisibilizadas por um projeto colonial e neocolonial que contou a história dessas outras civilizações, destituindo-as de qualidades, de capacidades, nos meandros da teoria desenvolvida por John Locke - tábula rasa, destituindo os não ocidentais de qualquer capacidade de abstração do pensamento. Santos (2007) ilustra essa invisibilização do Outro não-europeu em Para além do pensamento abissal que, através das linhas abissais demonstra a demarcação do lado de cá e do lado de lá – o que é conhecimento e o que não é conhecimento. Demarcação essa que só considerou verdadeiro o que dizia a filosofia ocidental. Os Outros não eram civilizados, portanto, destituídos de verdade e, o conhecimento que detinham só poderia ser a magia, as crenças, mas nunca, conhecimento científico.

Nesta proposta didático-pedagógica buscar-se-á demonstrar, de forma sucinta e simplificada, a produção cultural dos povos antigos, especialmente das culturas sul-americanas, conforme o livro didático, com exceção da Grécia antiga (única civilização estudada nos livros com produção cerâmica), excluindo-se a produção do continente africano, asiático algumas do continente americano. Pelo formato e delimitação do tempo deste estudo, será apresentada algumas produções culturais com pistas para maior aprofundamento em pesquisas futuras.

Este estudo se tangenciará dos temas apresentados pelos livros didáticos, mas com ampliação e centralização da cerâmica como tema gerador, por se considerar que os conhecimentos da cerâmica são pouco explorados nesse espaço que se pretende aplicar a proposta e a pouca visibilidade nos livros didáticos. Serão explicitadas as produções cerâmicas das civilizações antigas com aprofundamento na produção da cerâmica local (Estado do Maranhão), focando nas relações dessa cerâmica com elementos das cerâmicas ancestrais - semelhanças, diferenças e particularidades. Portanto, explicitar-se-á de forma sucinta, as características da cerâmica das civilizações antigas, situando-as como importantes que foram aos povos antigos e as formas como essa herança permanece nos dias

¹El hombre concibió la Cerámica por única razón de disponer de un receptáculo adecuado que pudiera resistir las inclemencias del fuego y que le permitiera, mediante su acción, poder reciclar y aprovechar numerosas sustancias que él mismo no estaba fisiológicamente en condiciones de aprovechar.

atuais.

A proposta adequa-se às Orientações Curriculares para o Ensino Médio - Arte da SEDUC-MA (MARANHÃO, 2017), com adaptação. A matriz curricular do Maranhão segue a linearidade do tempo (cronologia) – da arte pré-histórica à arte contemporânea. Os livros do PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) de Arte a partir de 2015 desprezam a cronologia e debatem a arte por temas, como “Arte e Sociedade”, “Arte e as Cidades” (ROCHA et al., 2016). Não desprezando nem uma nem outra, mas sim, aproveitando as duas possibilidades, tanto a oferecida pela SEDUC-MA quanto a dos livros didáticos, utilizo o tema “cerâmica” de forma cronológica – do Neolítico à cerâmica local (Maranhão). O conteúdo da história da arte das civilizações antigas está, nas Orientações do Maranhão, na primeira série e a história da arte do Brasil e Maranhão, na terceira série. Portanto, para adaptar à aplicação da proposta, utilizo a modalidade dos livros do PNLD para tratar da cerâmica. Para melhor exemplificação, veja-se a tabela abaixo.

ARTES VISUAIS NO ENSINO MÉDIO	
1ª Série	Origem das artes visuais: Pré-história; Artes visuais na antiguidade: Mesopotâmia, Egito, Grécia e Roma; Arte africana
3ª Série	Arte Pré-colonial no Brasil e no Maranhão; Artes indígenas no Brasil e no Maranhão; Arte afro-brasileira (Brasil e Maranhão); Patrimônio material e imaterial; Arte moderna e contemporânea no Brasil e no Maranhão: artistas, obras e contextos produtivos; Arte Popular no Brasil e no Maranhão; Espaços e eventos artísticos culturais de exposição de arte local: salões, festivais, galerias, museus e espaço urbano.

Fonte: Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Arte (MARANHÃO, 2017)

Os conteúdos na íntegra, serão tratados para as referidas séries em tempo normal, sendo somente para essa proposta didático-científica, aplicados neste formato.

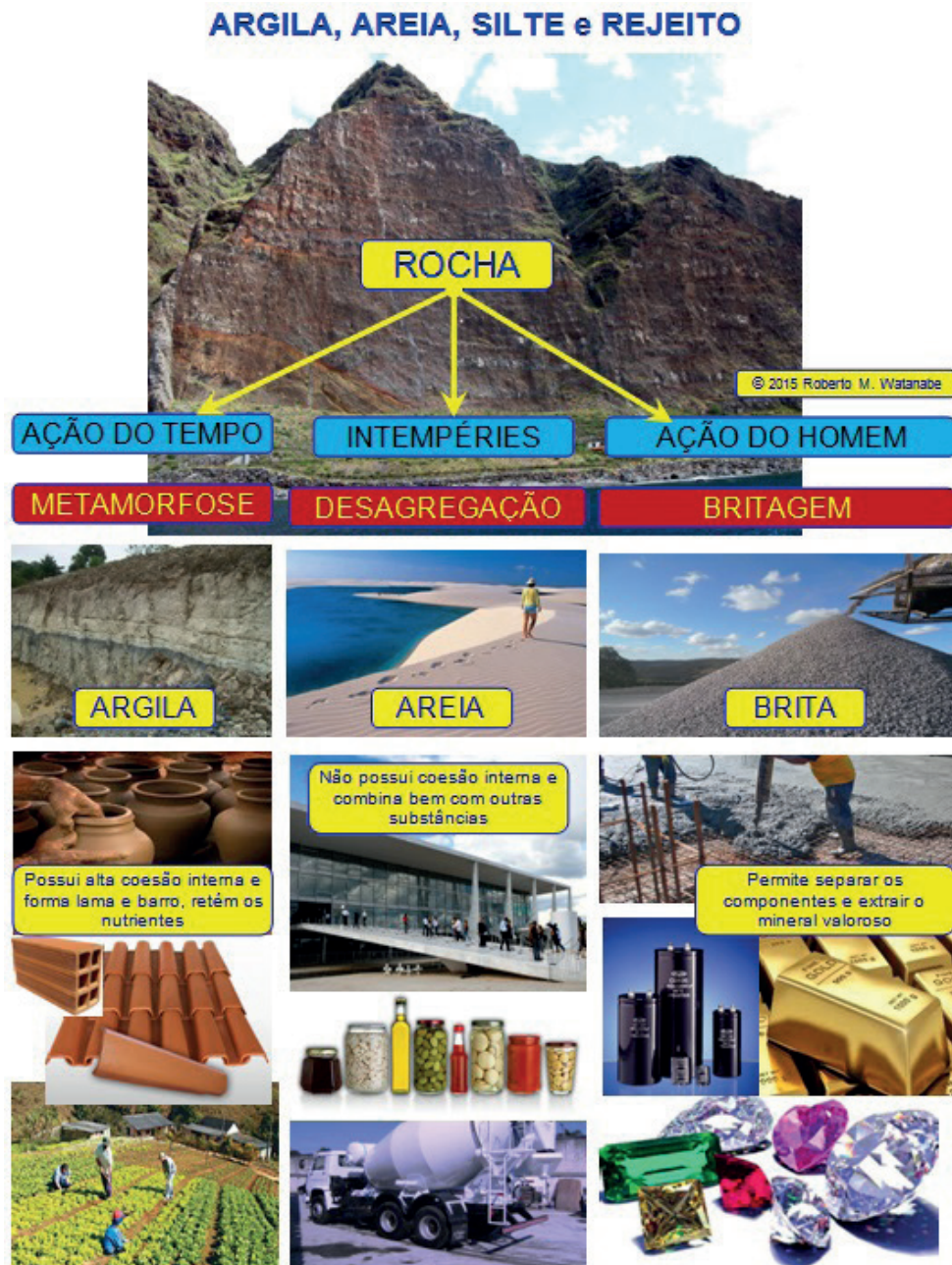
Para Frade (2010), os livros de História da Arte apresentam uma lacuna referente às produções cerâmicas. Na análise dos livros didáticos de Arte do PNLD, pude constatar a insipiência do conteúdo cerâmica. Frade (2010) relata que a produção de cerâmica é estereotipada e a concepção que se tem não vai além de objetos decorativos como vasos e estatuetas, desconsiderando a visão artística, motivo pelo qual criou uma disciplina sobre cerâmica. Em análise dos cinco livros aprovados e, em especial, do livro adotado pelo Polo III, onde se situa a escola Paulo VI, apenas esse (ARTE DE PERTO) traça um paralelo da cerâmica com a vida prática, associando o uso de panelas de barro à dança e gastronomia. Os outros livros também relacionam a cerâmica com temas, culturas indígenas, mas não a destacam como tema principal, mas sempre secundário. É, pois, no sentido de imprimir caráter próprio e gerador de temas que a proposta didática aqui apresentada se propõe para sensibilizar os estudantes sobre a cerâmica como cultura local.

Os livros de história da arte, em sua maioria, não apresentam a cerâmica como linguagem artística (artes plásticas ou visuais) ou campo de estudo artístico, mas apenas como material a ser manejado, confundindo arte cerâmica com a argila, sua matéria-prima. A proposta busca imprimir essa percepção da cerâmica como arte² – no campo das artes visuais³, situar os materiais, os produtos cerâmicos, seja utilitário, simbólico ou artístico-estético, no intuito de dá um sentido à arte da cerâmica nos espaços escolares e, consequentemente, aos demais espaços sociais, acadêmico-científicos, culturais, econômicos.

² A área de conhecimento, segundo o PCN-Arte (1997) é “arte” e o componente curricular “Arte” subdivide em: artes visuais, teatro, música, dança.

³ As artes plásticas (nomenclatura já em desuso por limitação conceitual) está incluída, na atualidade, no campo das artes visuais por ser mais abrangente. Portanto, não é considerado errado, referir-se à cerâmica nem como artes plásticas, nem como artes visuais.

CARACTERIZAÇÃO DA MATÉRIA-PRIMA CERÂMICA



Processo de transformação da rocha

Fonte: <http://www.ebanataw.com.br/talude/argila.htm>

A ilustração acima (figura 1) demonstra de forma simples os processos de transformação da rocha até se tornarem obras de arte e objetos os mais variados que preenchem o dia a dia das pessoas nos mais variados suportes, seja como um vaso cerâmico como obra de arte, um vaso cerâmico funerário, as cerâmicas sanitárias (vasos, pias), pisos, telhas, tijolos, painéis, motores de veículos automotores ou compostos cerâmicos para forrar foguetes espaciais e, mais uma infinidade de objetos utilitários.

Os barros existem em todas as partes do mundo e constituem a maior parte de sua superfície. Os barros são rochas sedimentares de grãos finos que se originaram na decomposição química ou por erosão, de rochas feldspáticas como o granito ou pórfiro (FRICKE, 1986). A argila é a metamorfose, ou seja, é o resultado da alteração celular sofrida pela rocha, em especial a feldspática, e resultando nos materiais como a caolinita, esmectita, montmorilonita, feldspato e muitos outros formando uma família de minerais filossilicáticos hidratados aluminosos de baixa cristalinidade. Uma das argilas mais famosas é a Terra Roxa, uma argila fina, vermelha e que contém altos teores de ferro e outros minerais e, por isso mesmo, é muito boa para a agricultura (<http://www.ebanataw.com.br/talude/argila.htm>)

MATERIAIS E FERRAMENTAS

Os manuais cerâmicos de Maria Dolors Ros i Frigola (2002; 2006) servirão de âncora teórica para este tópico. Detalharei cada material desde o tratamento da argila até a construção de uma peça de cerâmica, em tópicos, conforme abaixo.

• Argila e suas massas

O que é argila? Primeiramente, é a matéria-prima da cerâmica, é um produto secundário da crosta terrestre (ROS I FRIGOLA, 2002). Tecnicamente, é um material natural que apresenta a original propriedade da plasticidade e é:

"proveniente do envelhecimento ou decomposição de rochas graníticas, do feldspato e dos pegmatites que ao longo de milhões de anos foram submetidos à acção mecânica da água, do vento, dos glaciares e dos movimentos tectónicos, em colaboração com a acção química da água, do dióxido de carbono, dos ácidos húmidos e, com menor frequência, dos gases de enxofre e de flúor, ajudados por elevadas temperaturas (ROS I FRIGOLA, 2006, p. 20)."

• Composição e preparação

Quais são os tipos de argilas existentes? Classificam-se em duas, que são as primárias ou residuais e secundárias ou sedimentares. As primeiras são as que permanecem onde são originadas e as secundárias são as que foram transportadas para longe da rocha-mãe por agentes atmosféricos, água ou outros. Também se classificam em: argilas vermelhas comuns, argilas brancas e argilas refratárias (ROS I FRIGOLA, 2002, 2006).

Por que amassar as argilas? Para eliminar as bolhas de ar e torná-las macias, plásticas e homogêneas. As bolhas de ar podem se transformar em vapor d'água quando as massas são expostas a temperaturas elevadas. Após o preparo das massas e feitura da peça, esta precisa passar pelo processo de secagem, uma vez que a secagem incorreta pode provocar deformação ou quebra da peça (ROS I FRIGOLA, 2002).

• Ferramentas

As ferramentas para o manejo e construção de uma peça de cerâmica podem ser fabricadas pelos ceramistas ou compradas em lojas ferragens. Segundo (ROS I FRIGOLA, 2002), os materiais de uso corrente são:

"rolos de cozinha, lonas e ripas de madeira; esponjas; pêras de oleiro; almofariz; pinça para esmaltar; pote e pincel; tigelas; funis e tamises; misturadora; pulverizador; balança; tornilho; máscara; colheres, copos de plástico e etiquetas; palhetas de madeira; compassos; esponjas com cabo; tecos de madeira; desbastadores e polidores; tesoura, x-acto e lápis; bisturis e serrilhas; pincéis, trinchas e broxas; punções e caladores; garrote de oleiro; palhetas metálicas; aparalápis e carretilha cerâmica; lixa e lâ de aço; pente e fio (p. 21-25)."

Já no manual Cerâmica artística (ROS I FRIGOLA, 2006), o uso das ferramentas é posto a partir da etapa de produção das peças de cerâmica, conforme abaixo:

"Ferramentas para modelar: (para começar a trabalhar) - torno de mesa; tela ou lona; rolos de massa; ripas; garrote; pulverizador; sacos de plástico; laminadora; (para modelar e polir) – teques; teques cortantes ou metálicos; rins; serrilha; pincéis.

Ferramentas para moldes: esquadros, réguas e nível; baldes de borracha ou plástico; fogão; balanças; teques metálicos; teques cortantes; ferramentas para polir os moldes; madeira lamiada; sargentos; espátulas, facas, formões e maço; trinchas; recipientes de plástico.

Ferramentas para trabalhar na roda: (roda de oleiro) – amassadeira; suportes para tornear; compasso; teques cortantes ou polidores; punções; placas de gesso para amassar ou secar as argilas. Ferramentas para envernizar e decorar: balanças de precisão; peneiras com funil; varinha mágica; pêras de borracha; almofariz; colheres e copos; pinças; pincéis; pistola e compressor; cabina de pintura (32-39)."

• Processo de produção

Realizadas as etapas anteriores, o primeiro passo é modelar a peça.

Modelação pela técnica de bola: consiste unicamente em utilizar uma bola de argila e dois dedos para modelar a peça; a modelação com rolo exige que a argila seja bastante plástica e deve ser feita em suporte rotativo ou uma plataforma que faça o objeto girar 360°; a modelação com placas sobre formas consiste em se obter a peça a partir de uma já existente que servirá de molde (ROS I FRIGOLA, 2002, 2006).

• Fornos e queima

Os tipos de forno são: elétrico, a gás e a lenha; já os tipos de queima são em número de seis, a saber: a primeira parte de 0°C a 200°C; a segunda de 200° até 400°C; a terceira de 400° até 600°C; a quarta de 600° até 800°C; a quinta queima vai de 800° até 1000°C; a sexta nem sempre é necessária. Os tornos podem ser manuais ou elétricos.

UMA HISTÓRIA DA ORIGEM DA CERÂMICA

Do Mundo Oriental, destaca-se na origem da cerâmica, a China, o Japão, a Coreia. O Egito está localizado no Oriente Médio, Norte da África e considerando a península do Sinai, na Ásia, o Egito é um Estado transcontinental. De todos os Estados Modernos, o Egito possui uma das histórias mais longas, sendo desde 10000 a. C. e 6000 anos de história registrada. A cultura egípcia influenciou as culturas da Europa e do Oriente Médio, assim como de outras culturas africanas. Com a decadência da era faraônica, o Egito passou a ser influenciado pelo helenismo, cristianismo e cultura islâmica. Na atualidade, a cultura egípcia tem influência de várias culturas, inclusive, a ocidental.

As duas culturas e/ou civilizações mais conhecidas nos estudos da educação básica são a egípcia (os livros didáticos, porém, não apresentam cerâmicas egípcias) e a grega, esta última, posteriormente, com a fusão de Roma (cultura greco-romano). A Mesopotâmia geralmente está relacionada com o Egito.

De acordo com o *Guia visual definitivo de arte*, os primeiros vasos de cerâmica que se conhece são da Sibéria e do Japão e datam de mais ou menos 11000 a. C. A técnica da cerâmica se tornou comum no Neolítico com o advento da agricultura e da atividade pastoril – sedentarização. A atividade da cerâmica iniciou-se com os objetos modelados ou feitos com rolos de argila. Em muitas comunidades, essa atividade era feita por mulheres que fabricavam potes para uso doméstico, mas, com a invenção do torno, estimulou-se o crescimento de uma atividade industrial especializada. O torno foi introduzido na Ásia por volta de 3400 a. C., chegando à Europa no milênio seguinte (PUBLIFOLHA, 2012). “O torno, ou roda de oleiro teve as suas origens por volta do ano 5000 a. C.” (ROS I FRIGOLA, 2002, p. 51).



Pote decorado
Fonte: Publifolha (2012)

Datado do período Jomon Médio japonês, este vaso é decorado como de costume, com um elaborado padrão curvilíneo. C. 7500-300 a. C., cerâmica queimada a baixa temperatura, 38 x 33 cm, Museum of Fine Arts, Houston, EUA (PUBLIFOLHA, 2012).



Pote com cabeça de xamã
Fonte: Publifolha (2012)

Produzido pelo povo majiayao que viveu na atual província chinesa Gansu no 3º milênio a. C., em barro pintado, 40 cm de altura, Museum of Fine Arts, Boston, EUA (PUBLIFOLHA, 2012).



Cabeça Estilizada
Fonte: Publifolha (2012)

Figura da cultura vinca, que floresceu às margens do rio Danúbio, próximo a atual Belgrado. c. 4500-4000 a. C., terracota, 18x15 cm, Musej, Kosova, Pristina, Sérvia (PUBLIFOLHA, 2012).

Janson (2001) ao discorrer sobre imaginação, criatividade, originalidade e gosto, ilustra o nascimento de uma obra de arte, a partir de um objeto utilitário que se torna simbólico. O autor ressalta que todos os humanos sonham e isso é a imaginação trabalhando. Embora não seja exclusividade dos humanos sonhar e imaginar, somente aqueles podem utilizar a imaginação para contar histórias ou pintar, essa necessidade (de fazer arte) é exclusiva dos humanos. “A capacidade de criar arte é um dos traços distintivos do homem, que o separa de todas as outras criaturas com um abismo intransponível” (JANSON, 2001, p. 12).

Quanto à criatividade, problematiza o significado de criar, exemplifica-a com a Cabeça de Touro feita por Picasso, que montou a obra de arte com o guidão e o selim de uma bicicleta. Portanto, no caso da arte, a criatividade perpassa pela forma dada por mãos humanas. Esse é um processo imaginativo e criativo, pois as peças com que foi feita a obra de arte destinava-se a outra função e precisou que o artista utilizasse a imaginação e dela o processo criativo – viu imaginativamente que aquelas duas peças poderiam parecer a uma cabeça de touro e assim o fez – deu nova forma àquelas duas engrenagens. Picasso foi original porque criou novo conceito e tornou as duas peças num objeto novo e, isso é característica do artesanato - ser único e original (JANSON, 2001). E o gosto está relacionado com a qualidade atribuída pelo sujeito ao objeto artístico - se é boa arte ou não (JANSON, 2001), mas também esse gosto tem relação com o capital cultural, com a bagagem cultural do indivíduo (BOURDIEU, 2005).

A Enciclopédia de Museus - Museu de Antropologia da Cidade do México apresenta sua coleção das civilizações pré-colombianas. Destaca-se figuras da cultura pré-colombiana olmeca, do Guia visual definitivo de arte e do Museu de Antropologia, conforme descrição abaixo.

Figuras pequenas típicas do Estado de Guerrero, no Sudoeste mexicano. Com especial deformação no crânio. Este tipo de trabalho é chamado ‘San Jerónimo’ e foi produzido por habitantes das margens do Rio Mezcala que mantiveram relações com os olmecas e floresceu de 600 a. C. a 400 d. C.; a terracota ‘San Jerónimo’ tem afinidade com a antiga arte de Tlatilco, antes da influência dos olmecas (MUSEU DE ANTROPOLOGIA CIDADE DO MÉXICO⁴, 1970).



Bebê olmeca

Fonte: Publifolha (2012)

Esta figura é originária da cultura olmeca, México, c. 800 a. C. – barro com faixa bicolor; 31x24x18 cm, Museum of Fine Arts, Houston, EUA (PUBLIFOLHA, 2012).



Figura feminina com toucado alto

Fonte: Museu de Antropologia da Cidade do México (1970)

MACM (600 a.C.; terracota modelada e incisa; altura 16,5 cm; de Guerrero)

⁴ MUSEU DE ANTROPOLOGIA CIDADE DO MÉXICO, 1970. A partir das próximas citações será usada uma sigla do nome do museu – MACM.

A CERÂMICA NO MUNDO ORIENTAL

A coleção “O mundo da arte” da Enciclopédia Britânica no Brasil, inclui a Índia e o Sudeste Asiático, assim como a China, a Coreia e o Japão no Mundo Oriental. Os primeiros invasores da Índia vieram do planalto iraniano (os arianos) e foram os responsáveis pela destruição, em 1500 a. C., das cidades do vale do Indus que evidenciavam uma civilização altamente desenvolvida. Após sucessivas invasões até a de Alexandre, o Grande, em 326-325 a. C., influenciou as províncias do nordeste indiano com a cultura grega. O comércio e o intercâmbio favoreceram demasiado as relações entre o vale do Indus e o Oriente Próximo (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1978).

A conquista dos Estados indianos (a partir de 775 até 1565 quando os Mughals definitivamente a conquistam) pelos mulçumanos interrompe dramática e bruscamente, sua evolução cultural. O estilo Mughal originou-se do padrão islâmico. Durante esse período, os mosaicos de pedra e cerâmica, surgidos pela primeira vez no séc. XIII, foram amplamente empregados na decoração de edifícios e pisos. A ornamentação com azulejos de cerâmica recobria superfícies de grande extensão, era empregada em composições de extrema beleza e representava animais, flores e padrões geométricos de variado cromatismo (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1978).

A cerâmica da China

Há um distanciamento cultural entre o Oriente e o Ocidente. Diferenças como um livro ser lido da última para a primeira página, o luto ser representado pela cor branca, são oposições existentes entre essas duas extremidades da Terra e da humanidade, tanto culturais quanto geográficas. As discrepâncias e preconceitos para com o Oriente começam a aparecer e acentuam-se à época em que Marco Polo que, apesar de permanecer na China de 1275 a 1292, olhou por lentes distorcidas, as facetas da civilização chinesa (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1978).

O primeiro Estado organizado que se tem conhecimento surgiu na China por volta de 1500 a. C. ou 1700 a. C., segundo estudiosos chineses. A cultura deste Estado era chamada Xang ou Yin (dinastia) manteve as feições neolíticas e evoluía para a arte de trabalhar o bronze modelado pela excelência da técnica e do requinte. Produziu-se durante a dinastia Xang vasos rituais de bronze que ostentam avançada técnica e notável qualidade artística, os quais foram moldados segundo formas de barro. Destaca-se que na fase primitiva ou inicial da dinastia Xang, os vasos dos cultos ancestrais buscavam imitar a cerâmica, seja no formato ou na ornamentação, o que também é possível mesmo em peças recentes, identificar-se características da cerâmica (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1978).



Cântaro

Fonte: Encyclopaedia Britannica (1978)

Dinastia Ming, período Chia-Ching, 1522-66. Porcelana com verniz amarelo e pigmentação ferrugem, 21 cm. Ostasiatische Kunstabteilung. Museu Staatliche, Berlim. Esta peça, que foi a o forno em várias etapas, ostenta na decoração a figura de um dragão indicadora de sua fabricação em oficina do governo imperial; este tipo de porcelana manteve seu frescor e atualismo até meados do séc. XVI (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1978).



Cântaro

Fonte: Mallalieu (1999)

Cerâmica de alta temperatura; Zhou Oriental. Muitas das formas e decorações de peças dos períodos históricos antigos da China refletem as de bronzes contemporâneos. Formas generosamente bojudas e o uso de padrões repetitivos gravados são característicos do período (MALLALIEU, 1999).



Tigela Ru

Fonte: Mallalieu (1999)

A Ru é a mais nobre das “cinco cerâmicas clássicas” (Ru, Ding, Jun, Guan e Ge) das dinastias Song e Yuan. Cerâmica de alta temperatura; início do século XII. A cerâmica Ru é extremamente rara, e estudiosos e conhecedores ressaltam sua beleza e delicadeza (MALLALIEU, 1999).



Garrafa de vinho

Fonte: Museu de Belas-Artes de Boston, (1969)

Garrafa de vinho período Sung Setentrional séculos XI-XII tipo Tz'u-chou; altura 39 cm; diâmetro 19,6 cm; coleção Charles B. Hoyt. A superfície granulada, que serviu de base à decoração burilada e que foi coberta por uma cor parda avermelhada, é típica dos trabalhos dos fornos de Ch'unho, em Têng-fêng-hsien (Província de Honan), importante centro de produção de louça tipo Ta'u-chou, durante o período Sung. Ao redor do corpo do vaso, há um desenho floral e, no centro, três figuras trazendo aos ombros cabaças pendentes (Museu de Belas-Artes de Boston, 1969).



Vaso em formato Mei-p'ing

Fonte: Encyclopaedia Britannica (1978)

Porcelana Tz'e-chou. Dinastia Sung. 960-1279. Em faiança, com decoração cinzelada sob verniz verde (39 cm). Museu Britânico, Londres. Em várias peças desse grupo de cerâmica chinesa do Norte, as tradições T'ang foram conservadas e seus efeitos continuaram sensíveis até o período Ming; a vivacidade cromática, solidez e elegância da forma e gosto ornamental dão equilíbrio harmonioso à peça (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1978).



Cavalo

Fonte: Encyclopaedia Britannica (1978)

Período T'ang, 618-906. Cerâmica colorida e esmaltada, 62 cm. Coleção H. Conig, Colônia. Embora fossem produzidas em massa, as dádivas tumulares de cerâmica chegaram a atingir predicados de obras de arte. Os cavalos de Ferghana, usados em pólo e exposições equestres, eram importações comuns no império T'ang, não sendo, portanto, surpresa vê-los incluídos entre as figuras ornamentais das tumbas (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1978).



Jarro com tampa

Fonte: Museu de Belas-Artes de Boston, (1969)

Jarro com tampa. Última Dinastia Chou; século V - III a. C. Cerâmica decorada com pasta de vidro; altura 11,6 cm; diâmetro 13,9 cm; coleção Charles B. Hoyt. O desenho repetido, de medalhões redondos em molduras quadradas, foi aplicado em pasta de vidro na superfície cor de camurça da cerâmica. As cores vivas do vidro esmaecem em verde-pálido e cinzento⁵ (Museu de Belas-Artes de Boston, 1969).



O cantil do peregrino

Fonte: Encyclopaedia Britannica (1978)

Período Sui ou T'ang primitivo, sécs. VI ou VII. cerâmica pesada com lustre verde brilhante, 18 cm. Ostasiatische Kunstabteilung. Museu Staatliche, Berlim. Os chamados cantis dos peregrinos deste tipo mostram a influência ocidental na forma e, geralmente, também na decoração. O bocal de pérolas e a ave fazem lembrar os objetos de metal sassânicos, embora estes sejam um tanto posteriores; essa disparidade pode indicar uma origem comum centro-asiática (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1978)

⁵ Este é um tipo raro de cerâmica Chou e sabe-se da existência de duas peças, uma na coleção da Sra. Walter Sedwick, Londres e a outra está na Galeria de Arte WilliamsRockwill Nelson, Kansas City, Missouri.

A cerâmica da Coreia



Vaso em forma de cavaleiro

Fonte: Encyclopaedia Britannica (1978)

Do túmulo de Sino Dourado; período Silla antigo; sécs. V e VI; faiança cinzenta; 24 cm. Museu Nacional da Coreia, Seul. Figura de cavaleiro armado, montado em seu corcel, imita o tipo de vasos usados na época; tem uma abertura junto à sela e uma lança no peito do cavalo. Foi criado mais tarde como oferenda tumular do que para uso prático (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1978)..



Fragmento da figura budista

Fonte: Encyclopaedia Britannica (1978)

Período antigo Silla, 668-918; séc. XVII. Terracota; 53 cm. Museu Nacional da Coreia, Seul. Parte do templo de Sach'onwang-sa, próximo a Kyong-ju. O budismo deve ter chegado a Silla no séc. V, mas foi oficialmente aceito pelo Rei Phophung, em 527. Esta figura que representa, talvez, Bodhisattva, mostra como o escultor coreano adotou o espírito decorativo e iconográfico do budismo, dando-lhe relevo e vivacidade coreanos (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1978).



Vaso (Maebyeong)

Fonte: Museu de Belas-Artes de Boston (1969)

Período Koryo; século XII; *Céladon*, decoração incrustada; altura 31,10 cm; diâmetro 18 cm; coleção Charles B. Hoyt. O vaso é decorado com um simples desenho de garças e bambus, com gravação na superfície da massa, preenchida com argila branca e preto-esverdeada. O vaso foi então coberto com esmalte verde-céladon (Museu de Belas-Artes de Boston, 1969).



Jarro para vinho

Fonte: Encyclopaedia Britannica (1978)

Período Koryo, fim do séc. XII; porcelana com esmalte tipo celadon e ornatos embutidos, 23 cm; Museu Staatliche, Berlim; jarro elegante feito na técnica sanggan em que os ornatos eram cinzelados na superfície e os sulcos preenchidos com cores; o centro da produção destas peças parece ter sido Kangjin no Extremo Sul da Coreia; o padrão de flores era comum na cerâmica dos sécs. XII e XIII (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1978).

⁶ Os coreanos sempre tiveram forte predileção por decoração marchetada e aplicaram esta técnica nos trabalhos de metal, lacas e cerâmicas. A simplicidade do desenho indica que este vaso é um dos exemplares relativamente precoces do céladon incrustado, pois a técnica foi desenvolvida e aperfeiçoada posteriormente.

A cerâmica do Japão



Estatueta funerária de cerâmica

Fonte: Mallalieu (1999)

Período Haniwa; c. século VI. Como na dinastia Tang chinesa, a cerâmica é usada em escala escultórica no Japão para homenagear os mortos, embora de uma maneira mais formal e estilizada (MALLALIEU, 1999).



Tigela para chá

Fonte: Mallalieu (1999)

Peça de baixa temperatura Raku com esmalte preto; séc. XVII. Nos melhores exemplares, as peças Shino, Oribe e Raku parecem ser fenômenos naturais, mais descobertos do que produzidos: um desenho geométrico é parcialmente invadido num ato de bravura por um esmalte que nada tem a ver com ele, ou às vezes um desenho pintado é modesto e estilizado, ocupando pouco espaço da superfície. Tais peças exercem grande influência sobre os ceramistas europeus do século XX (MALLALIEU, 1999).



Jarra de cerâmica

Fonte: Mallalieu (1999)

Período médio Jomon; c. 3000-2000 a. C. Semelhante à cerâmica pré-histórica do mundo todo, os padrões das peças Jomon lembram os motivos que inspiraram os primeiros tecidos (MALLALIEU, 1999).



Vaso desenhado com folhas de crisântemos

Fonte: Encyclopaedia Britannica (1978)

Período Kamakura, séc. XIII. Cerâmica cozida com esmalte negro, 24,2 cm. Museu Nacional, Tóquio. Estas peças tinham ligações com a porcelana Sung, mas o desenho vigoroso, o formato robusto e elegante do vaso, são tipicamente nipônicos (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1978).



Vaso

Fonte: Encyclopaedia Britannica (1978)

Período Kamakura; século XIV; cerâmica, verniz amarelado; altura 25 cm; diâmetro 18 cm; louça Ko-Seto, Kamakura. O desenho impresso em volutas de crisântemos é recoberto por uma fina camada de verniz craquelé amarelado.



Nonumura Ninsei

Fonte: Encyclopaedia Britannica (1978)

Vaso com flores vermelhas de ameixeiras. Início do período Edo; meados do séc. XVII. Cerâmica com cores de ouro e esmalte, 30 cm. Museu Nacional de Tóquio. O ceramista Ninsei, dos mais famosos no Japão, escolheu para este vaso o estilo de pintura decorativa da escola Kano. A forma e ornamentação são puramente nipônicos (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 1978).

A cerâmica do Egito

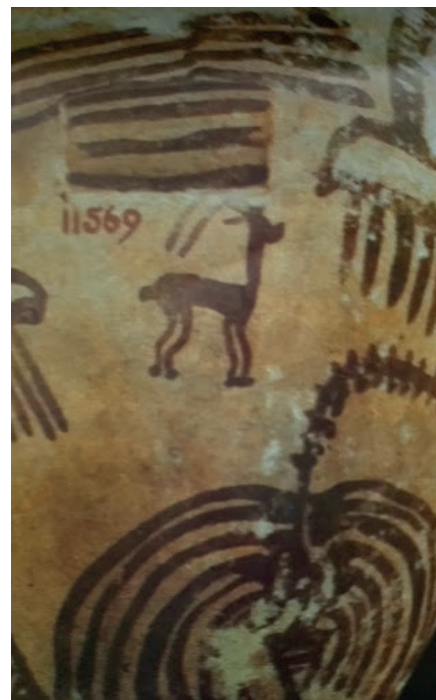
A civilização egípcia aparece no final do período neolítico e o princípio de sua arte está em singelos desenhos de vasos e figuras rudimentares que eram enterrados com os mortos. A modelagem era feita principalmente por mulheres. A decoração dos vasos com desenhos inspirados nos trabalhos de vime, depois desenhos de animais, plantas, imagens de barcos. Os desenhos podem ser explicados pelas condições fluviais do Egito. Em princípio, a decoração se dava em traços brancos sobre fundo vermelho de terracota, seguida de pintura em preto violáceo sobre fundo amarelo-claro de cerâmica mais fina. As formas dos vasos, cilíndricos ou globulares, já atingiam elegância na primeira idade da civilização egípcia. A sua decoração tem origem igualmente ao desenho, o qual contém o germe das convenções da arte egípcia, perpetuando-se durante toda a civilização faraônica, como é o caso da Lei da Frontalidade.



Vasos

Fonte: Paris (1996)

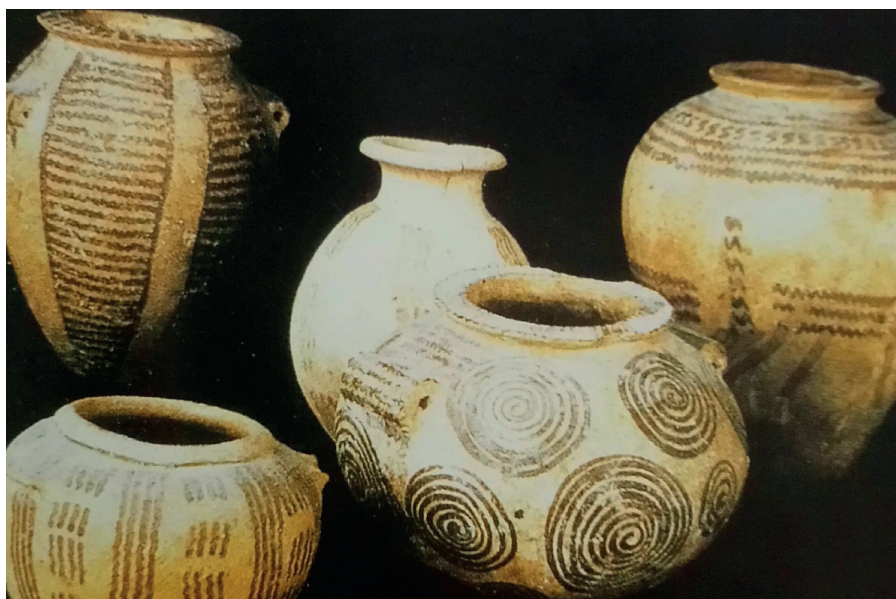
Recipientes de mármore ou alabastro pertencentes ao período Nagada I, do Egito. Também em Palestina, na Síria e no Irã é frequente a aparição de este tipo de recipiente de matéria não cerâmica de complicada e difícil execução que queda pronto deslocado por o aporte cerâmico. Pertencem ao Museu do Cairo.



Cerâmica Nagada II, Gerzean

Fonte: Paris (1996)

Em Egito e em outros lugares do Próximo e Médio Oriente a cultura Nagada II, ou Gerzean, se desenvolvia em 3.500 a. J. C. hacia um conceito narrativo do entorno, do que han derivado estas belas imágenes em las que se observa a hipotética abstracción de uma embarcação.



Cerâmica Nagada II, Gerzean

Fonte: Paris (1996)

Cerâmica Nagada II, Gerzean, de uns 3.500 a. J. C. Temas de inspiração geométrica, pintados com óxido de ferro.

A cerâmica da Mesopoâmia

A cerâmica de Susa. Os trabalhos de cerâmica do planalto iraniano no quarto milênio, representados principalmente pelos vasos provenientes da necrópole de Susa, figuravam entre os mais belos produtos da cerâmica de todos os tempos. Grandes taças, vasos muito finos de terra amarelada, com as faces laterais de delgadez extraordinária para trabalhos feitos a mão e não no torno, ostentam decoração monocromática, de aparência geométrica, mas obtida pela estilização de motivos naturalistas: plantas, animais, seres humanos, são deformados ou simplificados a ponto de se tornarem irreconhecíveis. O cabrito-montês, nos vasos, modifica-se pela multiplicação dos membros até assemelhar-se a um pente; nas taças, seus chifres desenvolvem-se num grande arco de círculo e o corpo se adelgaça. O ceramista procura antes de tudo o efeito decorativo (ENCICLOPEDIA DELTA – LAROUSSE, p.3904, s/d).



Vasos cerâmicos
Fonte: Paris (1996)

Piezas pertencientes al período Obeid III, de unos 4.000 a. J. C. cultura muy extendida y de una gran influencia em la Baja Mesopotamia, Ubaid, Irak.



Tigela de Samarra
Fonte: Mallalieu (1999)

Norte da Mesopotâmia, 5000-4500 a. C. – Todas as sociedades primitivas produziram artefatos de argila (cerâmica de baixa temperatura) de aspecto semelhante, e a decoração preta baseava-se com frequência nos mesmos símbolos geométricos e naturais. São da Mesopotâmia as obras de cerâmica que obtiveram melhores resultados (MALLALIEU, 1999).



Copo pintado
Fonte: Janson (2001)
Susa; anterior a 3200 a. C.



Vaso Cerâmico
Fonte: Paris (1996)

Vaso cerâmico decorado com gran estilo, precisión e impecable ejecución. De esta técnica innovadora derivarían, 3.500 años después, el negro y el rojo de las cerámicas griegas, que hasta ahora nadie ha mencionado. Pertence a la cultura Hassuna, Irak.

A CERÂMICA NO MUNDO OCIDENTAL

A Grécia ainda é considerada nos livros didáticos de História da Arte como berço da civilização ocidental. Os livros didáticos do PNLD aqui analisados trazem provas disso, pois apresentam a Grécia como a grande civilização que utilizou vasos para seus ritos funerários, utilitários e suas narrativas históricas. A relação com a produção de cerâmica é representada nos livros didáticos, além da cultura grega, às culturas ameríndias e sempre como suporte para determinado tema, em nenhum momento, um tema. A abordagem dos materiais didáticos de Arte exclui as outras culturas antigas, o que torna a pesquisa escassa. Civilizações como Inca, Asteca, Maia, mesopotâmica, minoica, egípcia, foram deixadas de lado como conteúdo.

Portanto, essa proposta pretende dar visibilidade a algumas culturas que não apenas a Ocidental. Ainda que a Grécia apareça com grande frequência, o que se encontrou das outras civilizações, é abordado na proposta aqui apresentada.

A cerâmica da Grécia



Vaso com figuras negras

Fonte: História em Revista (1991 [1995])

ExéQUIAS foi um antigo pintor grego de vasos e cerâmica, que viveu aproximadamente entre 545 a.C e 530 a.C em Atenas. A cerâmica foi exportada para outras regiões, tais como a Etrúria. ExéQUIAS trabalhou basicamente com a cerâmica preta. Seu estilo é reconhecível de imediato e bastante realista. Neste vaso, representado em dois lados, tem-se heróis gregos desfrutando de momentos de lazer. "Em um dos lados, Aquiles, de elmo, joga com seu companheiro Ajax; no outro, o campeão espartano Castor (no centro), um famoso adestrador de cavalos e seu irmão Polideuces (na extrema esquerda), um excelente boxeador, são recebidos em casa por seus pais. O artista [Exekias] utilizou tanto o estilete quanto o pincel, produzindo detalhes primorosos que se destacam das figuras negras". (HISTÓRIA EM REVISTA, 1991, p. 138-139)



Deusa das serpentes

Fonte: Janson (2001)

A Grécia está situada no mar Egeu onde floresceu entre 3000 e 2000 a.C. civilizações antecedentes à propriamente dita Grécia. São elas: Creta (minoica), Cíclades (cicládica) e a do continente grego (heládica). A Deusa das Serpentes é uma representação da cultura minoica e o Jarro com asa é de Creta que, "na época dos palácios antigos (2000-1700 a. C.) desenvolveu um tipo de cerâmica célebre pela perfeição técnica e pelos dinâmicos motivos decorativos em espiral" (JANSON, 2001, p. 133).



Jarro com asa

Fonte: Janson (2001)

Estilo de kamares, de Faistos; de c. 1800 a. C.; altura 0,270 m; Museu de Heraklion, Creta.

A história da arte grega comumente conhecida, está dividida em três principais períodos: arcaico, clássico e helenístico.

Acima vimos os antecedentes da formação dos povos gregos ou do entorno da Grécia que, segundo Janson (2001), navegando do Delta do Nilo para noroeste, a primeira visão da Europa é o extremo oriental de Creta, seguindo encontra-se as pequenas ilhas Cíclades e rumando mais para a frente, a Grécia continental em frente da Ásia Menor e na outra margem, depara-se com o mar Egeu.

Começamos, pois, por estudar os antecedentes da arte grega pelo estilo geométrico, o qual está compreendido no período de formação da civilização grega – de 1100 a 700 a. C. a partir de 800 a. C. os gregos emergem à luz da história e sua cronologia inicia-se com a instituição dos jogos olímpicos em 776 a. C. É por esse período que o mais antigo estilo artístico grego das artes plásticas se estabelece caracteristicamente e só é conhecido graças à cerâmica pintada e pelas pequenas esculturas (JANSON, 2001).

O estilo geométrico predomina durante a idade média grega, porém, ainda há muitas discussões sobre o obscurantismo que o cerca. Esse estilo é conhecido sobretudo pela arte da cerâmica, conhecida como arte elementar. Os mais famosos produtos desse estilo são os Dipylon de Atenas, encontrados na porta dupla que desemboca no bairro dos fabricantes de cerâmica. Nesse lugar se faziam grandes vasos, e forma equilibrada e que serviam para encimar túmulos (ENCICLOPEDIA DELTA – LAROUSSE, s/d).

Segundo Janson (2001) a decoração da cerâmica tinha o traçado abstrato, ou seja, com triângulos, quadrados, círculos concêntricos, mas a partir de 800 a. C. são inseridas figuras humanas e animais no esquema geométrico. Destaca o vaso de Dipylon (cemitério de Atenas) de 1,08 m de altura, séc. VIII a. C., o qual está no Museu Metropolitano de Arte de Nova York (Rogers Fund).

O aparecimento da cerâmica geométrica não apenas na Grécia, mas também na Itália, no Oriente Próximo, é uma clara indicação de que o comércio dos gregos estava estabelecido no Mediterrâneo Central e Oriental, por volta do século VIII a. C. e, a partir do século VII a. C. a arte grega entra em nova fase – o estilo orientalizante (JANSON, 2001).

Esse novo estilo está diretamente relacionado com as relações comerciais dos gregos com o Egito e o Oriente Próximo compreendido entre 725 e 650 a. C. Comparando-se a ânfora de Elêusis com o vaso de Dipylon, distantes cem anos da produção, é nítida a mudança⁷ (JANSON, 2001).

A fase orientalizante foi, na arte grega, um período de experiências e transição, contrastando com o a estabilidade e coesão do estilo geométrico. “Logo, porém, que os novos elementos orientais foram assimilados, surgiu outro estilo, tão definido como aquele, mas de maior alcance, o arcaico – do final do séc. VII até cerca de 480 a. C.” (JANSON, 2001, p. 150), período este caracterizado por grandes vitórias gregas sobre os persas. É no Período Arcaico que o grande gênio artístico grego eclode, tanto na pintura de vasos como na arquitetura monumental e na escultura (JANSON, 2001).

A importância da pintura arcaica de vasos é, de certo modo, única no gênero. Raramente, por maior que seja o seu valor documental para o arqueólogo, a olaria pintada merece relevo na história da arte. Consideramo-la, em geral, como um artesanato ou indústria, cuja natureza não a eleva acima das artes menores. Isso é válido até para os vasos minóicos, a despeito da sua beleza excepcional e requinte técnico, e o mesmo podemos dizer da maior parte da cerâmica grega. Mas se estudarmos certas peças como o vaso de Dipylon ou a ânfora de Elêusis, impressionantes tanto pelo tamanho como pelo esforço pictural que transmitem, seremos obrigados a considerá-las como das mais ambiciosas obras de arte do seu tempo (JANSON, 2001, p. 150).



Ânfora

Fonte: Mallalieu (1999)

Peça do período geométrico; séc. VIII a. C. Essa jarra grande é decorada no gargalo com um grupo de carpideiras e no corpo com um velório. Esse tema é muito encontrado na arte geométrica. A ânfora era usada para armazenar principalmente vinho ou óleo (MALLALIEU, 1999).



Ânfora de Dipylon

Fonte: Meira et al. (2016)



Vaso de Dipylon

Fonte: Janson (2001)

⁷ Proposição de atividade com os alunos para realizarem a leitura visual e detectarem as diferenças entre os dois objetos.



Pintor de vasos e ajudantes coroados por Atena e Vitórias
Fonte: Janson (2001)

Detalhe de hídria ática de figuras vermelhas, montagem fotográfica; c. 450 a. C. (coleção particular).



Aryballoi e Pyxides
Fonte: Mallalieu (1999)

Corinto. 625-500 a. C. Esses seis pequenos potes medem entre 80 e 120 mm e são decorados com vários motivos. Quatro são aryballoi arredondados usados para unguentos e óleos. Os outros dois são conhecidos como pyxides – pequenos recipientes redondos para cosméticos (MALLALIEU, 1999).



Dioniso num barco
Fonte: Janson (2001)

Um exemplo de quanto os gregos davam importância aos vasos está demonstrado na figura acima, onde Atena, acompanhada por duas Vitórias, coloca coroa de louros na cabeça de um pintor de vasos e em seus ajudantes. Em meados do séc. VI a. C., os artistas – tanto pintores quanto oleiros – passaram a colocar assinatura em suas obras, o que denota que sentiam orgulho de seu trabalho (JANSON, 2001).

Período jônico-ático (550-480). A cerâmica na Grécia é essencialmente industrial, e os nomes de seus autores são frequentemente indicados, mas há dúvidas quanto a quem se refere a obra de arte, se ao oleiro ou ao pintor. Exemplares que merecem ser lembrados como a hidra, onde o legendário Busíris (o carrasco dos náufragos) é morto por Hércules. Vestígios em cerâmica lacônia: dórios de Terra fundaram em Cirene uma colônia que apresenta peças como taças de cerâmica; a mais notável, o Rei Arcesilau pesando e embarcando sílfio. A cerâmica de Atenas dominou todas as outras por sua qualidade superior, distinguindo-se em de duas maneiras: figuras negras sobre fundo vermelho que, a partir de 520 foi eclipsada pela segunda, figuras vermelhas sobre fundo preto. Os autores da cerâmica se inspiravam em duplos motivos a mesmo tempo: cenas mitológicas, emprestadas da pintura e cenas da vida cotidiana. As obras cerâmicas são de uma arte racional, com gosto seguro, evitando sobrecarregar as obras, concentrando-se sobre um motivo, limitando-se à decoração “em métopa”, em um só lado do vaso. Tal estilo foi adotado por Exéquias e Amásis, o que prevalece nas ânforas panatenéicas, dadas aos vencedores dos grandes jogos. A cerâmica ática se classifica, geralmente: estilo do final do período arcaico; estilo severo, em 520; estilo livre, cerca de 460. O recuo do jonismo dá lugar à técnica do bronze (ENCICLOPEDIA DELTA – LAROUSSE, s/d).

Há uma diferença de disciplina entre a pintura de vasos orientalizante e arcaica, mas, a partir do séc. VII, os pintores da Ática resolveram tal inconsistência de silhuetas maciças ou contornos simples e ainda a junção das duas, adotando o estilo ‘de figuras negras’, o que pode ser visto em Dioniso num barco⁸, de Exéquias e Hércules matando o Leão de Neméia⁹, de Psíax (JANSON, 2001).



Hércules matando o Leão de Neméia
Fonte: Janson (2001)



Lápita e Centauro
Fonte: Janson (2001)



Eos e Memnom
Fonte: Janson (2001)

⁸ Exéquias. Dioniso num barco (lado interno de um kylix ático de figuras negras), c. 540 a. C., diâmetro 0,305 m. Staatliche Antikensammlungen, Munique.

⁹ Psíax. Hércules matando o Leão de Neméia (ânfora ática de figuras negras), Vult. Altura 0,50 m. Museu Cívico, Brescia.



O Pintor A. D.

Fonte: Museu de Belas-Artes de Boston (1969)

Hídria Ática com figuras negras, Grécia, cerca de 510 a. C.; verniz negro com acréscimos brancos vermelhos sobre argila; altura 52 cm. Servia melhor com maior frequência para decoração ou funerária, por ser frágil para o uso ou muito pequenas para conter água (MUSEU DE BELAS-ARTES DE BOSTON, 1969, p. 87).

Já o estilo de figuras vermelhas consiste em pintar todo o fundo de negro e deixar à vista a superfície ocre-avermelhada do barro reservada para as figuras, como pode ser observado nas pinturas Lápita e Centauro¹⁰ e Eos e Memnom¹¹ (JANSON, 2001).

A hídria ou bilha de água é, talvez, o mais importante de todos os vasos gregos, com suas grandes abas, alça curva por trás, asas laterais, corpo volumoso, rebordados chatos em cima e base curva em baixo. A hídria, usada para trazer água da fonte comum para casa, participa da habilidade universal grega em combinar a prática com a beleza. A cena frontal deste vaso, tributo direto ao seu uso, é a arquitetura dórica de um ninfeu ou casa da fonte, dentro de bordas trabalhadas com palmas e arabescos. A água jorra de cinco carrancas em forma de cabeças de animais: uma cabeça de leão adorna a parede esquerda do interior da construção, correspondente, no lado oposto, a uma cabeça de asno com longas orelhas. Enfileiradas nas paredes de trás, três cabeças de leopardos ou panteras, uma entre cada coluna. Cinco mulheres atenienses, bem vestidas, são vistas enchendo suas hídrias; é evidente, por suas atitudes, que a visita às fontes era atividade agradável. Os rebordos da hídria, planos e curvos, eram difíceis de ser utilizados; entretanto, os artistas acharam que as cenas de cavalos, ou bigas de corrida, assentavam bem nesta peça (MUSEU DE BELAS-ARTES DE BOSTON, 1969, p. 87)

As Guerras Persas (c. 475-450 a. C.) abriu espaço à pintura mural com a descoberta do modelado e da profundidade, o que coloca a pintura de vasos em desvantagens por não dispor de meios técnicos para obter tais efeitos. No final do séc. V, a decadência da pintura de vasos é evidente – o seu período áureo, sem dúvida, foi o Arcaico. A pintura de vasos desaparece por completo entre 400 e 300 a. C. (JANSON, 2001).

A CERÂMICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE ARTE DO PNLD 2018-2020

A proposta desta análise é verificar a presença e o tratamento da cerâmica enquanto conteúdo de artes visuais nos livros didáticos do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) 2018-2020. Foi realizada, portanto, análise dos cinco livros didáticos de Arte aprovados para o PNLD 2018-2020 (todos são de volume único¹²).

O pensamento dos produtores de materiais didáticos está muito fortemente pautado no eurocentrismo. Isso pode ser verificado na análise dos livros didáticos de Arte com o conteúdo “cerâmica”, onde foi abordado os temas da cerâmica e, especificamente neste, todas as representações do conteúdo cerâmica é referente aos povos indígenas, no Brasil e imediações. Fora da América, só uma civilização europeia – a Grécia. Isso denota que só houve cerâmica na Grécia antiga e, no Brasil, também remete que existiu apenas através de uma cultura antes da chegada do colonizador.

Os livros levantam questões relevantes no estudo da arte e da sociedade em que está inserida, cometem falhas, conscientes ou não, mas é certo que deixam muito a desejar em relação ao que se propõem tratar, como o título do livro da Ática, “Todas as artes” que, no caso da cerâmica, apresenta uma peça de cerâmica relacionando-a aos povos guarani e não agrega nenhuma informação específica sobre a peça.

A análise abaixo buscou verificar a presença da cerâmica nos livros observando a relevância dada tanto à cerâmica como arte cerâmica quanto como objeto cerâmico e em que contexto os autores a inseriam. Alguns relacionaram a cerâmica como produção cultural dos povos em que ela estava inserida, outros a utilizaram para falar desses povos, utilizando-a como ilustração. Ou seja, os primeiros viram a cerâmica como determinante na produção cultural de um povo, já os segundos a viram como objetos do cotidiano desses povos, o que serviu apenas para ilustrar a existência material dos que a fizeram.

¹⁰Pintor da Fundação. Lápita e Centauro (interior de um vaso kylix ático de figuras vermelhas), Staatliche Antikensammlungen, Munique

¹¹Douris. Eos e Memnom (interior de um vaso kylix ático de figuras vermelhas), c. 490-480 a. C. diâmetro c. 0,30 m. Louvre, Paris.

¹²Das 13 disciplinas, 9 têm 3 volumes (Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Língua Espanhola, História, Geografia, Matemática, Química, Física e Biologia), 3 (Arte, Sociologia e Filosofia) são de volume único e 1 (Educação Física) não tem livro do PNLD.

O livro *Percursos da Arte* apresenta em suas 3 unidades (Matrizes culturais, Arte brasileira e Arte contemporânea, divididas em 9 capítulos) a relação das culturas indígenas e africanas como raízes da formação da cultura brasileira, iniciando o livro com o primeiro e segundo capítulos tratando das d'As culturas indígenas e d'As culturas africanas, respectivamente.

Os referidos capítulos destacam a produção cerâmica das culturas tapajônica, marajoara (Estatueta antropomorfa feminina e Tanga de cerâmica marajoara) e, grega na representação dos vasos cerâmicos, como por exemplo, a ânfora de Dipylon (urna funerária) e a ânfora de Exéquias – O suicídio de Ajax (representação). Como se pode verificar abaixo, a Grécia está bem representada nos livros didáticos.



Índio simbolizando a nação brasileira

Fonte: Meira et al. (2016)

Relação e informação: culturas indígenas. Escultura em terracota representando o índio forte e altivo dos tempos do império brasileiro. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

A escultura de Francisco Chaves Pinheiro (1822-1884) é uma alegoria do império brasileiro, representado pela figura de um índio forte e altivo. Ele usa uma tanga, um cocar indígena e uma capa, e segura um cetro e um escudo com o brasão do Império (Meira et al., 2016, p. 18).



Vaso com figura vermelha

Fonte: Meira et al. (2016)

Relação e informação: esculturas e cerâmica decorada. Vaso com figura vermelha, Ática, 480 a. C. Museu Arqueológico Nacional de Atenas, Grécia.



Cabeça de rainha iorubá Ile-Ifé

Fonte: Meira et al. (2016)

Relação e informação: África ancestral e Brasil contemporâneo. Ifé (cabeça coroada de uma rainha iorubá Ile-Ifé; século XII-XV; terracota, 25 cm; Museu Nacional Ile-Ifé, Nigéria.

Nessa escultura, a imagem naturalista de uma cabeça feminina com uma coroa de pedras pode representar Oluwo, uma oni, isto é, uma governante de Ile-Ifé. Segundo a tradição, ela teve seus trajes reais respingados de barro, ao sair na chuva, e teria ordenado a pavimentação dos lugares públicos e os santuários com fragmentos de cerâmica (Meira et al., 2016, p. 77).



Estatueta antropomórfica feminina

Fonte: Meira et al. (2016)

Relação e informação: culturas indígenas no tempo. 1000-1400, cerâmica em pintura vermelha sobre branco, Museu Emílio Goeldi, Belém, Pará.



O suicídio de Ajax

Fonte: Meira et al. (2016)

Relação e informação: a ordem e o caos. 530 a. C. representa o suicídio de Ajax durante a guerra de Tróia. Ajax é, segundo Homero, o segundo melhor guerreiro depois de Aquiles. Chateau-Musée Boulogne-sur-Mer, França.



Ânfora de Dipylon, urna funerária

Fonte: Meira et al. (2016)

Relação e informação: a ordem e o caos. Vasos. 750-735 a. C. as figuras representam o lamento ao um morto. Vaso em estilo geométrico. Museu Nacional de Arqueologia de Atenas, Grécia.



Pote de barro

Fonte: Meira et al. (2016)

Relação e informação: esculturas e cerâmica decorada. Pote de barro do povoado Passagem, em Barra, Bahia.



Kylix olho

Fonte: Meira et al. (2016)

Relação e informação: as culturas da Grécia antiga. Narrativas míticas e suas expressões. É uma taça representando Teseu e o Minotauro entre os olhos; c. 530 a. C., terracota. Museu Metropolitano de Arte de Nova York, EUA.



Pronomos (detalhe de vaso cerâmico pintado)

Fonte: Meira et al. (2016)

Relação e informação: as culturas da Grécia antiga. Deuses e heróis nas origens do teatro. Detalhe de pintura de vaso do século V a. C. Preparação de atores e instrumentistas para exibição de drama satírico na presença de Dioniso e Ariadne. Museu Arqueológico Nacional de Nápoles, Itália.



Ânfora (detalhe)

Fonte: Meira et al. (2016)

Relação e informação: as culturas da Grécia antiga. Deuses e heróis nas origens do teatro. Representação do Coro de um espetáculo cômico de Aristófanes chamado Cavaleiros. Museu Dahlem, Berlim, Alemanha.



Tampa de vaso cerâmico grego

Fonte: Meira et al. (2016)

Relação e informação: as culturas da Grécia antiga. As narrativas decoravam os objetos cerâmicos. Tampa de vaso cerâmico da região da Ática; 520-510 a. C. Museu Hermitage, São Petesburgo, Rússia.



Tanga de cerâmica marajoara

Fonte: Meira et al. (2016)

Relação e informação: culturas indígenas no tempo. Tanga de cerâmica marajoara; 400-800 d. C. Museu de História Natural de Nova York, EUA.



Ânfora com cena de figuras negras

Fonte: Meira et al. (2016)

Relação e informação: desenho de figuras humanas. Cenas de figuras negras, 530-520 a. C. representação do pancrácio, antiga luta olímpica. Museu de Belas Artes de Boston, EUA.

Ática

O livro da Editora Ática, em capítulo sobre canto e memória, apresenta a cultura do povo guarani, destacando dentre suas práticas a música, o artesanato (peneiras, cestos, redes, máscaras, cocares, colares, tangas, etc.). Destaca uma peça em cerâmica, informando que “a cerâmica guarani é feita pelas mulheres para ser usada no dia a dia, na cozinha e na dispensa. Antigamente, também eram produzidas urnas mortuárias de cerâmica” (POUGY, 2016, p. 171), conforme figura o lado.



Urna mortuária

Fonte: Pougy (2016)

Relação e informação: canto e memória. Objetos produzidos pelos povos guarani

A IBEP, apresenta na introdução (p. 20), máscara teatral grega da colônia Megara Hyblaea (atual Sicília, Itália) em cerâmica do início século V a. C. no capítulo 2 – IDENTIDADE NA ARTE: Manifestações da identidade – Expressões indígenas, destacando a etnia Iny ou como é mais conhecida – Karajá e suas produções artísticas. É destaque no livro, uma mulher karajá modelando escultura em argila. Essas esculturas ou bonecas ritxòkò são cerâmicas que expressam diversos aspectos da identidade cultural do grupo. As bonecas ritxòkò foram consideradas bens culturais imateriais pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 2012. Continuando no mesmo capítulo: A cerâmica em outros momentos, destaca o conjunto de Guerreiros de Xian em terracota (China), ânfora grega de 510 a.C., boneca do Vale do Jequitinhonha (2007), urna funerária marajoara (400-1400 d. C.).



Máscara teatral em cerâmica
Fonte: Bozzano (2016)

Relação e informação: materialidade e imaterialidade. Máscara se refere ao teatro. Início do século V a. C., é proveniente da colônia grega Megara Hyblaea, atual Sicília, Itália.



Bonecas ritxòkò, etnia Karajá
Fonte: Bozzano (2016)

Relação e informação: expressões indígenas



Boneca em cerâmica do
Vale do Jequitinhonha
Fonte: Bozzano (2016)

Relação e informação: a cerâmica em outros momentos. Boneca do Vale do Jequitinhonha



Urna funerária marajoara
Fonte: Bozzano (2016)

Relação e informação: a cerâmica em outros momentos. 400-1400 d. C.



Ânfora grega com figuras vermelhas
Fonte: Bozzano (2016)

Relação e informação: a cerâmica em outros momentos. 510 a. C.

FTD

A Editora FTD faz uma breve discussão sobre a concepção de arte na Antiguidade e Idade Média. Na Antiguidade, acreditava-se que as nove musas eram quem davam inspiração aos humanos para realizarem as nove artes. Calíope (canto e poesia); Clio (história); Polímnia (retórica e música cerimonial); Euterpe (música); Terpsícore (dança); Érato (canto e poesia lírica); Melpômene (criação de texto e atuação de atores na tragédia); Tálai (comédia); Urânia (astronomia). Pintura, escultura e arquitetura não eram considerados talentos dados pelas musas porque estavam associados a ofícios braçais, realizados por escravos ou gente do povo (FERRARI et al., 2016).

No tema Poéticas da matéria, apresenta os Guerreiros de Xian, boneca em cerâmica karajá e em A arte e a matéria destaca a cerâmica em seus variados processos e utilidades. Cabe destaque, as flautas de cerâmica Ocarinas das culturas andina, chinesa além de outras culturas, datadas pela arqueologia, de mais de 12 mil anos a. C. Outras obras referidas são os vasos gregos, a cerâmica de bonecas do Vale do Jequitinhonha, o Portal de Ishtar (575 a. C.), a cultura de Santarém (1000-1400 d. C.) em figuras antropomorfas e a cultura marajoara (400-1400 d. C.) e o infográfico O bem indígena.



Ocarinas (flautas de cerâmica)
Fonte: Ferrari et al. (2016)

Relação e informação: arte e cultura indígena – arte e matéria. As flautas de cerâmica (ocarinas) são encontradas nas culturas chinesa, andina, dentre outras. São objetos de mais de 12 mil anos antes de Cristo.

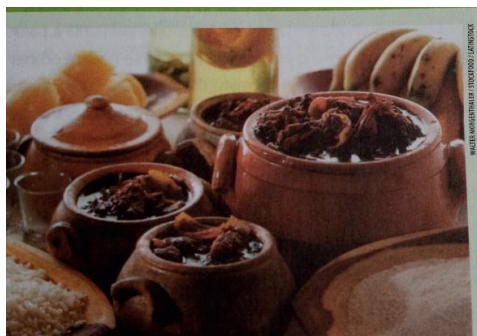


Boneca do Vale do Jequitinhonha
Fonte: Ferrari et al. (2016)

Relação e informação: arte e cultura indígena – arte e matéria. Boneca de cerâmica do Vale do Jequitinhonha, de 2008.

LEYA

A Editora Leya traz na introdução (p. 17), detalhe de vaso grego de 450 a. C. que retrata Orpheu com a lira. Vaso grego representando Dionísio com uma mênade (p. 111), de 470-460 a. C., máscara teatral moldada em terracota, tipo de máscara que perdurou dos séculos V a II a. C. (p. 112), em Dança e gastronomia (p. 253), mostra a utilidade da cerâmica nas panelas de barro para cozer alimentos. Em Arte, artesanato e artes indígenas, destaca a cerâmica do povo Asurini, no Pará.



Panelas de barro
Fonte: Rocha et al. (2016)

Relação e informação: dança e gastronomia. Panelas de barro com comida.



Vasilhame do povo Asurini
Fonte: Rocha et al. (2016)

Relação e informação: patrimônio imaterial e a arte indígena: cerâmica do médio rio Xingu, Altamira, Pará.



Máscara teatral moldada em terracota

Fonte: Rocha et al. (2016)

Relação e informação: o teatro na Grécia. Máscara em terracota dos séculos V-II a. C.



Orpheu com a lira

Fonte: Rocha et al. (2016)

Relação e informação: arte e experiência. Detalhe de vaso de cerca de 450 a. C. retratando Orpheu com a lira



Vaso representando Dioniso com uma mênade

Fonte: Rocha et al. (2016)

Relação e informação: o teatro na Grécia. O vaso está representando Dioniso com uma mênade, data de 470-460 a. C. as mênades são adoradoras de Dioniso e foram representadas no teatro grego de Eurípedes em *As bacantes*.

Civilizações Pré-Colombianas

Quando os europeus chegaram à América, os nativos já fabricavam seus objetos de uso tanto utilitários quanto simbólicos, inclusive cerâmicos. A produção de cerâmica é indissociável do fazer humano, seja qual for a parte do mundo. Assim como nas civilizações europeias, asiáticas e africanas, as civilizações que viviam no continente ainda não denominado, mas que recebeu o nome de “americano” com a chegada de Colombo, também fabricava e fazia amplo uso de objetos cerâmicos, tanto de forma utilitária quanto simbólica.

A Enciclopédia dos Museus, no volume dedicado ao Museu Nacional de Antropologia da Cidade do México, destaca os objetos das culturas de Tlatilco, Olmeca e Zapoteca (1100 a. C. – 200 d. C.); Cultura Totonaca, Cultura de Teotihuacán, de Colima, de Nayarit e Zapoteca (200 d. C. – 600 d. C.); Cultura Zapoteca, Teotihuacán, Maia, Tolteca e Huasteca (600 d. C. – 1250 d. C.); Cultura Asteca, Misteca, Huasteca e Cultura de Casas Grandes (1250 d. C. – 1521 d. C.);

A cronologia acima descrita é minuciosa ao traçar o perfil com objetos utilitários e simbólicos do México e da América Central (não necessariamente com a divisão político-geográfica como se conhece hoje), indo de 1100 a. C. a 1521 d. C., quando os europeus chegam ao Continente, o qual denominaram de América em homenagem ao navegador Américo Vespúcio, embora o Continente tenha se tornado conhecido através do navegador Cristóvão Colombo.

Pela quantidade de cerâmicas produzidas por esses povos, preferiu-se fazer um recorte metodológico, apresentando as imagens das cerâmicas de cada cultura e a informação da mesma, conforme disposição abaixo.

A cerâmica pré-colombiana do México e América Central

A arte representativa mais antiga do Vale do México e América Central foram encontradas em Tlatilco, El Arbolillo e Zacatenco, podem ser datados de 1500 a. C. quando os povos dessa região viviam da agricultura, caça e pesca. As figuras modeladas e os vasos de terracota representavam seres humanos e animais. Eram funerárias, provável simbologia representativa da fertilidade da terra e do homem. A execução era rápida e simples: argila úmida agregando materiais para sustentação, alisada com pedra polida, posta ao sol, pintada e levada ao forno. Diferencia-se das terracotas europeias por ser original, objeto único. Os artistas, ao que parece, tinham ampla liberdade, ainda que conservassem certos aspectos tradicionais, mas imperando a inventividade (MUSEU NACIONAL DE ANTROPOLOGIA CIDADE DO MÉXICO, 1970).

Para representar a cerâmica pré-colombiana do México e da América Central, será utilizado a coleção do Museu Nacional de Antropologia da Cidade do México, seguindo a mesma divisão de datas e culturas e/ou povos/civilizações feitas pelo livro, partindo de 1100 a. C. a 1521 d. C.

I. 1100 a. C. – 200 d. C.: Cultura de Tlatilco, Cultura Olmeca, Cultura Zapoteca



Mulher ajoelhada beijando um cão
Fonte: MNACM (1970)

Cerca de 1100 a 500 a. C.; terracota modelada com traços de policromia; altura 8 cm; de Tlatilco.



Jaguar com coleira
Fonte: MNACM (1970)

200 a. C. – 200 d. C.; argila com camada de gesso e traços de policromia; altura 85 cm; zapoteca com influência olmeca; Período Monte Alban II.

II. 200 d. C. – 600 d. C.: Cultura Totonaca, Cultura de Teotihuacán, Cultura de Colima, Cultura de Nayarit, Cultura Zapoteca



Vaso com motivos florais
Fonte: MNACM (1970)

200 d. C.; terracota cinza-escura com motivos em baixo-relevo e traços de tinta vermelha; altura 19 cm; de Cerro de las Mesas; cerâmica da cultura totonaca.



Mulher dançando
Fonte: MNACM (1970)

400-600 d. C.; terracota pintada; 15 cm; cultura totonaca.



Vaso pintado
Fonte: MNACM (1970)

100 d. C.; terracota pintada em branco sobre fundo vermelho; altura 37 cm; de Teotihuacán.



Vaso em forma de aguadeiro
Fonte: MNACM (1970)

300-500 d. C.; terracota com verniz verde; altura 23 cm; de Colima.

No Estado de Colima, Nayarit e Michoacán, no oeste mexicano, durante a civilização rural, surgiu uma cultura que atravessou a era pré-colombiana, floresceu na fase clássica com sólidas e polidas terracotas que representavam animais, produtos da terra e cenas da vida cotidiana, sendo raras as figuras de divindades, com exceção do deus do fogo – Huehuateotl – a religiosidade tinha caráter mágico com predominância de forças da natureza espiritualizadas. As peças funerárias não sóbrias como as egípcias, interpretando mais as exuberâncias da vida, análogas às etruscas (MUSEU NACIONAL DE ANTROPOLOGIA CIDADE DO MÉXICO, 1970).



Mulher nua ajoelhada
Fonte: MNACM (1970)

300-500 d. C.; terracota envernizada em verde e vermelho; 71 cm; de Nayarit.



O Deus Velho
Fonte: MNACM (1970)

400-600 d. C.; urna funerária de terracota pintada – deus do fogo; altura 28 cm; de Monte Alban - zapoteca

III. 600 d. C. – 1250 d. C.: Cultura Zapoteca, Cultura Teotihuacán, Cultura Maia, Cultura Tolteca, Cultura Huasteca



Mulher com toucado, poncho e colar
Fonte: MNACM (1970)

600-1000 d. C.; terracota; altura 34 cm; cultura zapoteca



Chefe maia sentado
Fonte: MNACM (1970)

600-900 d. C.; terracota; altura 12 cm; os caciques maias dirigiam o povo na religião, comércio e guerra, sendo sua posição, geralmente, hereditária. Eram assistidos por nobres, responsáveis pelas funções administrativas e sacerdotes que desempenhavam funções religiosas; de Jaina (Campeche).

Pouco se sabe da origem maia entre 1000 a. C. e 350 d. C., tendo-se apenas remanescentes de templos, cerâmicas Fanom, Chikanel e Matzanel. Entre os séculos 300 e 600 d. C. a introdução do calendário e da escrita são conhecidos pelas cerâmicas de Tzacol. Os maias inovam ao incluir abóbodas, estelas e cerâmica policrômica. A arte dos maias foi bastante criativa e original, até a decadência no século X (MUSEU NACIONAL DE ANTROPOLOGIA CIDADE DO MÉXICO, 1970).

IV. 1250 d. C. – 1521 d. C.: Cultura Asteca, Cultura Misteca, Cultura Huasteca, Cultura de Casas Grandes

A civilização mais conhecida do México é, sem dúvida, a asteca. O povo originalmente nômade 'chichimecas', os méxicas ou astecas emigraram de um lugar legendário, talvez Guanajuato, para Tula. Os toltecas se estabeleceram nos arredores do Vale do México, destruíram o poder dos Senhores de Culhuacán fundando seu império em 1325 com a capital Tenochtitlán (Cidade do México). Esta cidade sobreviveu, por suas condições geográficas elevadas, ligada à terra por diques, até a chegada dos espanhóis em 1519. A base civilizatória da cidade era militar e religiosa, a nobreza respondia por governo, sacerdócio, comércio e guerra, ficando a prática das artes para os 'cidadãos' e artesãos. Era organizada em castas e, os que dela estavam excluídos, eram servos e escravos, os quais cuidavam da produção. O poder era concentrado muitas vezes na figura de uma só pessoa, mas poderia ser um chefe, que recebia o auxílio de um conselho de nobres, um general e um sacerdote. Essa sociedade alcançou elevado nível citadino, era politeísta, desenvolveu literatura, ciência, poesia e arte. Realizava sacrifícios humanos, representados na arte asteca e por isso sua liturgia foi classificada por arqueólogos de macabra e cruel. No entanto, civilizações antigas como os hebreus, hindus, gregos, romanos e druidas, realizavam sacrifícios humanos e sua arte não recebeu a mesma hostilidade interpretativa (MUSEU NACIONAL DE ANTROPOLOGIA CIDADE DO MÉXICO, 1970).



Vasilha policrômica
Fonte: MNACM (1970)

1324-1521 d. C.; terracota; altura 15 cm; asteca (Tenayauca)



Vaso esférico e pássaro; Jarro policrômico
Fonte: MNACM (1970)

1250-1521 d. C.; terracota pintada; altura 16 cm; de Casas Grandes (Chihuahua). 1200-1521 d. C.; terracota pintada; altura 22 cm; de Casas Grandes.



Jarro ocre com desenhos pretos
Fonte: MNACM (1970)

1324-1521 d. C.; terracota polida; altura 28 cm; asteca



Bilha com cabeça de cabrito
Fonte: MNACM (1970)

1300-1521 d. C.; terracota pintada; altura 26 cm; arte misteca

A cerâmica no sudoeste Norte-Americano

Manzi (2008) em *Antigas origens do Sudoeste Norte-Americano: 600-1600 d. C.*, apresentam a tradição cerâmica dos povos Hohokam, Mogollon, Pueblo pré-históricos, Pueblo pré-históricos: louça alaranjada e amarela, a fusão Pueblo-Mogollon, Salado e Casas Grandes.

As obras aqui apresentadas fazem parte da coleção particular dos Drapkins que as cederam para uma exposição no Museu de Belas Artes de St. Petersburg, Flórida, USA, com as quais o livro foi organizado (MANZI, 2008).

Toda a produção cerâmica aqui em análise é indígena, pois os povos que nessa região viviam antes da chegada dos espanhóis eram indígenas. Os povoamentos de até 3 mil pessoas foram chamados pelos espanhóis de “pueblos”, pequenos povoados (MANZI, 2008).

1. A tradição Hohokam

Esses povos viviam no deserto de Sonoran e expandiram até o século IV a sul e a sudeste do Arizona seu território, consideravelmente. Comercializavam com outras culturas e assim como todos os povos antigos dessa região, eram agricultores. Os Hohokan produziam, além de cerâmica, entalhes em pedras e conchas, teciam cestas e trabalhavam o algodão, este último pode ter motivado suas pinturas na cerâmica (MANZI, 2008).



Tigela Gila Butte
Fonte: Manzi (2008)

Tigela Gila Butte pintada e entalhada em vermelho sobre amarelo claro (Hohokam, Período Colonial, Fase Gila Butte, ca. 750-850 d. C.).



Jarra ovóide Santa Cruz
Fonte: Manzi (2008)

Jarra ovóide Santa Cruz em vermelho sobre amarelo claro (Hohokam, Período Colonial, Fase Santa Cruz, ca. 850-950 d. C.).

Os povos Hohokan produziam potes misturando argila com areia e outros materiais, formando blocos que eram empilhando e montados para depois modelar com espátula de madeira ou bigorna de pedra. Posteriormente, o recipiente era enfeitado com tinta vermelha que continha minério de ferro, usando-se um pincel. A etapa final seria a queima em fornalha feita no chão, utilizando madeira como combustível (MANZI, 2008).

Os estilos eram animais e abstrações como “Cobras, pássaros, padrões em ‘v’, círculos, linhas em ziguezague e espirais” para adornar potes e tijelas. As espirais predominavam no desenho das peças Hohokan. “Até o século XII, a esfera Hohokan começou a guinar. O estilo de pintura vermelha sobre fundo amarelo claro daquela área foi superado pelo estilo da cerâmica Salado” (MANZI, 2008, p. 22).

II. A tradição Mogollon

Viveram onde hoje situa-se o sudeste do Arizona, sul do estado do Novo México. “As primeiras cerâmicas Mogollon eram formadas com bobinas feitas de argila de boa qualidade, que ficavam marrons quando queimadas”. Até o fim do século VI, esses povos criaram peças polidas e engobadas em vermelho e continuou sendo produzida por pelo menos os quatro séculos seguintes. Já se acreditou que as primeiras cerâmicas Mogollon, particularmente as Mimbres, tenham inspirações do desenho Hohokan. “A cerâmica Mimbres é a mais figurativa de toda a cerâmica antiga do sudoeste norte-americano” (MANZI, 2008, p. 31-32).

Esse estilo de pintura é altamente sofisticado e perdurou até o ano 1000 d. C. Os potes não eram queimados e eram preparados com uma tira de caulim antes da pintura que era feita com minério de ferro. Pode-se comparar o formato da cerâmica Mimbres com os Hohokan ou Casas Grandes, onde a maioria das cerâmicas Mimbres são tijelas arredondadas e hemisféricas. Essas tijelas normalmente acompanham enterros, o que sugere a importância que dava à cerâmica, o povo Mimbres, no seu universo ou cosmovisão (MANZI, 2008).

A distinção do estilo Mimbres pode ser percebido pela simetria e exímio uso do espaço negativo, além de ambiguidades de composição e tema, sempre sugerindo uma tensão generalizada. Essa sociedade definiu em meados do século XII (MANZI, 2008).

III. Os Pueblo pré-históricos

Os Pueblo pré-históricos (ou Anasazi) eram agricultores que, diferentemente dos Hohokan que irrigavam e construíam canais na terra, dependiam única-



Vasilhame hemisférico Mimbres clássica
Fonte: Manzi (2008)

Vasilhame hemisférico Mimbres clássica em preto sobre branco, com pássaro estilizado (Mogollon, Fase Mimbres clássica, ca. 1000-1150 d. C.).



Jarra black mesa
Fonte: Manzi (2008)

Jarra black mesa em preto sobre branco (Pueblo pré-histórica, louça branca Tusayan, ca. 875-1130 d. C.).

mente da chuva para regar suas plantações. Entre 1000 e 1400 d. C. esses povos “construíram algumas das mais espetaculares arquiteturas remanescentes do sudoeste norte-americano”, existindo ainda algumas ruínas no Planalto do Colorado e no curso do Rio Grande, sobressaindo-se as das Casas Grandes e habitações do Chaco Canyon e Mesa Verde. Nos séculos XI e XII, o sistema Chaco envolvia uma rede de vilarejos de uma área de 70.000 km², período em que a vida religiosa dos Pueblo desenvolveu uma elaborada estrutura de maçonaria (MANZI, 2008, p. 41).

Os Pueblo pré-históricos produziram cerâmicas, elaborados têxteis com tear e cestos primorosamente tecidos. A tecelagem de cestos, seja no formato ou no design, evidencia a possibilidade de ter contribuído na produção das primeiras cerâmicas desenvolvidas por esses povos. As evidências apontam que a cerâmica se iniciou antes do século VIII. No século XIV produziram cerâmicas preto e brancas, assemelhando-se ao processo Mimbres, aplicando-se uma tinta preta mineral ou vegetal sobre superfície esbranquiçada. Contudo, diferentemente do processo Mimbres, formas de vida eram raras nessas cerâmicas, embora produzissem vasilhas com efígies (MANZI, 2008).

As técnicas utilizadas pelos Pueblo pré-históricos eram provenientes de pigmento vegetal. Os pintores cerâmicos de Chaco e Cibola (localizados a noroeste e centro-oeste do Novo México e centro-leste do Arizona) utilizaram, principalmente, tinta de origem mineral (óxido de ferro e manganês) e as substâncias vegetais baseadas em carbono serviam de liga. As decorações geométricas e lineares eram predominantes tanto na tradição de tinta vegetal quanto mineral. Sobre os potes produzidos por essas tradições, acreditava-se que carregavam mensagens culturais relacionadas à identidade social, étnica ou linguística (MANZI, 2008).

V. A fusão Pueblo-Mogollon: as cerâmicas policromáticas da cultura Pueblo pré-histórica

O sistema Chaco (Pueblo pré-histórico) entra em declínio a partir de 1100 d. C. por inúmeros fatores de ordem sócio-cultural e ambiental – como um ciclo de secas que persistiu de 1125 ao final do século XIV. Isso provocou a migração da população para o norte (Mesa Verde) assim como para o sul e oeste, resultando na fusão Mogollon e Pueblo pré-histórico, mesclando suas tradições. O período que compreendeu as secas foi o que as cerâmicas policromáticas começaram a ser produzidas. Enquanto alguns pesquisadores acreditam que começaram no século XII, das louças vermelhas Mogollon com preto sobre branco dos Pueblo pré-histórico de White Mountains, outros propõem que se desenvolveram das cerâmicas vermelhas de White Mountains. Essas cerâmicas eram produzidas aplicando-se tintas minerais pretos numa superfície polida e engobada em vermelho e posteriormente queimadas em fornalha rica em oxigênio (MANZI, 2008).



Tigela policromática Wingate e tigela policromática St. Johns
Fonte: Manzi (2008)

Acima, tigela policromática Wingate (Pueblo-Mogollon, louça vermelha White Mountain, ca. 1125-1225 d. C.). Abaixo, tigela policromática St. Johns (Pueblo-Mogollon, louça vermelha White Mountain, ca. 1175-1325 d. C.).



Jarra Jeddito
Fonte: Manzi (2008)

Jarra Jeddito em preto sobre amarelo (Pueblo pré-histórica, Louça Amarela Jeddito, ca. 1325-1600 d. C.).



Tigela policromática Sikyatki com mão humana
Fonte: Manzi (2008)

Tigela policromática Sikyatki com mão humana (Pueblo pré-histórica, Louça Amarela Jeddito, ca. 1400-1625 d. C.).



Jarra policromática four mile
Fonte: Manzi (2008)

Jarra policromática four mile polida e engobada em vermelho (Pueblo-Mogollon, louça vermelha White Mountain, ca. 1300-1400 d. C.)

“As primeiras cerâmicas policromáticas são as Wingate, que datam do século XII. O processo de criação dessa cerâmica tricolor, o pintor deixava a peça crua no intuito de produzir o branco, em seguida (fase denominada St. Johns), adicionava uma tinta grossa de caulim branco ao preto e ao vermelho. No final do século XIII, as cerâmicas eram muito diversificadas, as vilas de Hopi, Zuni e Acoma desenvolveram estilos e/ou características próprias.

Os oleiros de Hopi pintavam sobre superfícies que iam de alaranjado e amarelo a creme e utilizavam técnicas recentes como salicos para pintar suas louças; enquanto que os Zuni começaram a adornar suas cerâmicas com vidrado, ao invés de utilizar apenas engobe e tintas vegetais ou minerais (MANZI, 2008, p. 82).

VI. A tradição Salado

As crenças acadêmicas sobre a cultura Salado são diversas. Enquanto uns a colocam à parte, outros acreditam que pertencia a um culto ou grupo que compartilhavam religião e filosofia e, outros que situam no campo do incerto e incompreensível.

“Elementos de cerâmicas pintadas Salado evocam a arte mesoamericana, como em ilustrações pintadas em vasilhames Salado que derivam de pássaros e serpentes, remetendo à divindade mesoamericana de Quetzalcoatl (serpente emplumada)”. Enquanto o simbolismo visual, frequentemente visto na cerâmica Salado, motivos como nuvens, raios e sol também estão presentes. Floresce a ideia de que a produção Salado está relacionada a comunidade e bem-estar assim como com o relacionamento do homem com a natureza. A cerâmica Salado sugere uma profunda e complexa ligação da terra com os elementos naturais, que foram a base fundamental para crenças de culturas antigas do sudoeste norte-americano (MANZI, 2008, p. 94).

VII. A tradição Casas Grandes

Compreendidos entre o século XII e o século XIV, os Casas Grandes situaram-se no escoamento do Rio de mesmo nome. A semelhança geral com as culturas mesoamericanas é exemplificada pelos morros piramidais. Acredita-se que eram povos comerciais, pois possuíam grandes quantidades de bens luxuosos e criavam araras, entalhavam conchas e decoravam objetos com turquesa. As vasilhas dos Casas Grandes compartilhavam atributos estilísticos com seus equivalentes mesoamericanos. Certas cerâmicas fogem radicalmente das produzidas pelos povos da região do antigo sudoeste norte-americano (como a Jarra-Papagaio).



Cantil policromático Springerville com efígie de antilopapro
Fonte: Manzi (2008)

Cantil policromático Springerville com efígie de antilopapro (Pueblo-Mogollon, louça vermelha White Mountain, ca. 1250-1300 d. C.).



Jarra policromática Tonto com efígie masculina
Fonte: Manzi (2008)

Jarra policromática Tonto com efígie masculina (Salado, louça vermelha Roosevelt, ca. 1350-1450 d.C.).



Jarra policromática escondida
Fonte: Manzi (2008)

Jarra policromática escondida (Casas Grandes, Período Médio, ca. 1280-1450 d. C.).



Jarra de grãos carretas
Fonte: Manzi (2008)

Jarra de grãos carretas em preto sobre alaranjado com efígie de tartaruga (Casas Grandes, Período Médio, ca. 1280-1450 d. C.).



Jarra policromática Gila com efígie aviária
Fonte: Manzi (2008)

Jarra policromática Gila com efígie aviária (Salado, louça vermelha Roosevelt, ca. 1300-1450 d.C.).

A cerâmica Pré-Colombiana Sul-Americana - Peru

Nos vales dos Rios Moche e Chicama, na costa oeste do Peru, floresceu a exuberante sociedade Moche, entre o início da Era Cristã e o século VIII d. C. Com um sistema de subsistência baseado na agricultura e na pesca e uma organização social hierarquizada, com sacerdotes e guerreiros ocupando as posições mais elevadas, os mochicas fundaram um estado poderoso e controlador. Destacaram-se como construtores de grandes complexos cerimoniais, com gigantescas pirâmides e templos que se sucederam ao longo do litoral. Excelentes no trabalho de metais nobres, produziram também a cerâmica de melhor qualidade técnica e artística do universo pré-colombiano, feitas em moldes para atender à grande demanda.

As representações inocográficas que aparecem nessa cerâmica são tão realistas sobre a vida cotidiana e cerimonial da sociedade Moche, que se tornaram a principal fonte de informação a respeito, na ausência da escrita. São frequentes os achados arqueológicos de instrumentos musicais feitos em cerâmica, geralmente em contextos funerários, com a função de acompanhar o indivíduo na sua vida após a morte (MUSEU NACIONAL, 2007, p. 290).



Vaso zoomorfo

Fonte: Museu Nacional (2007)

Cerâmica do Peru; 31 cm (MUSEU NACIONAL)



Vaso globular

Fonte: Museu Nacional (2007)

Cerâmica bicromada, Peru; 30 x 37 cm (MUSEU NACIONAL)



Trombeta

Fonte: Museu Nacional (2007)

Trombeta, início da Era Cristã ao séc. VIII d. C. Cerâmica do Peru (MUSEU NACIONAL)



Vaso duplo zoomorfo

Fonte: Museu Nacional (2007)

Cerâmica do Peru; 18,5 cm (MUSEU NACIONAL)

A Cultura Chimu

O reino Chimu floresceu a partir do século X, no vale do Rio Moche, onde foi implantada sua esplendorosa capital Chan Chan, no litoral norte peruano, que chegou a abrigar cerca de 50 mil pessoas. Com a desarticulação da hegemonia Huari, os Chimu se expandiram subjugando populações da montanha e alcançando o lado oriental da Cordilheira dos Andes até serem dominados pelos Incas. Produziram cerâmica característica de cor muito escura, obtida por queima redutora, que combina elementos estilísticos das culturas Moche e Huari (MUSEU NACIONAL, 2007, p. 296).



Vaso duplo com alça ponte

Fonte: Museu Nacional (2007)

1100 a 1400 d. C.; Peru, 18,5 cm (MUSEU NACIONAL)

Essa peça apresenta uma figura humana portando um toucado. A perícia oleira dos Chimu na confecção dos moldes para produção em massa de sua cerâmica possibilitou tratamentos de superfície de grande efeito estético, como o que se vê nesse vaso, embora do ponto de vista estético ela seja considerada inferior à cerâmica mochica (MUSEU NACIONAL, 2007, p. 296).

A Cultura Chancay

A Cultura Chancay desenvolveu-se durante o período intermediário tardio nos vales dos Rios Chancay e Chillón, estendendo-se em direção até o Rio Rimac. Sua cerâmica caracteriza-se pela porosidade, superfície áspera e engobo de cor clara com pinturas em marrom. Grande parte das cerâmicas dessa cultura pertencentes a coleções de museus provém de cemitérios localizados no vale de Chancay e e Ancón. Os Chancay também desenvolveram sofisticadas técnicas de tecelagem (MUSEU NACIONAL, 2007, p. 298).



Vaso duplo com alça ponte
Fonte: Museu Nacional (2007)

1100 a 1400 d. C.; Peru, 22 x 25,5 cm (MUSEU NACIONAL)



Cântaro antropomorfo¹³
Fonte: Museu Nacional (2007)

900 a 1400 d. C.; cerâmica Chancay; 43,6 x 43 cm (MUSEU NACIONAL)

CERÂMICA NO BRASIL

O Brasil possui uma vasta produção de cerâmica, seja ela utilitária, estrutural ou simbólica. O Brasil é considerado como o maior celeiro de barro cerâmico do mundo. Considerando, pois, essa característica do solo brasileiro de ser provedor de solos argilo-cerâmicos, em todos os seus pontos cardeais – de Norte a Sul de Leste a Oeste – o Brasil produziu e produz cerâmica, seja utilitária, estrutural (vasilhames para uso cotidiano ou, tijolos, telhas para a indústria na construção civil), seja artístico-estético-simbólico (decorativa, funerária), obrigamo-nos, pelo escopo da pesquisa, a fazer um recorte geográfico sobre qual cerâmica abordar – a produção de cerâmica artesanal. Ressaltamos que, apesar de estarmos pesquisando as origens da cerâmica, a abordagem fará referência à divisão do estado brasileiro como está organizado na atualidade, pela própria característica do público a que se direciona o presente material.

Portanto, tangenciaremos a pesquisa, triangulando os Estados do Pará (na Região Norte do Brasil), o Estado do Pernambuco e do Maranhão (Nordeste do Brasil) e, afinando o recorte para os municípios maranhenses de Rosário, Humberto de Campos, São Luís e Alcântara (Itamatatua).

A principal fonte de onde se retirou as fotografias foi do livro Museu Nacional (Brasil), pois neste estão colocadas, o que facilita na chamada visual para as imagens. Contudo, vale ressaltar que o catálogo da Exposição-feira do artesanato do Pará – Arte Popular do Pará; História geral da arte no Brasil; Pré-história do Brasil, contém basicamente as mesmas imagens, motivo que me fez optar pelas ilustrações em cores.

Discorremos brevemente sobre alguns núcleos que desenvolvem pesquisas em cerâmica, geralmente núcleos ligados a universidades. Contudo, vale fazer referência a sites de centros culturais que possuem em seus repositórios, vasta informação sobre cerâmica, além de imagens que, de outra forma, se tornaria dispendioso conseguir acesso.

A Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, através do Centro de Artes – CEART, no Departamento de Artes Visuais, desenvolve ações de extensão em cerâmica voltados para a comunidade. A ação se deu graças a edital de extensão da UDESC através do programa NUPEART PRO...MOVE 2018-2019, que inclui várias ações, dentre as quais, cursos de cerâmica e outras ações, conforme citação abaixo.

¹³ A figura humana representada nesse cântaro apresenta adornos auriculares e pintura facial marrom.

O Programa NUPEART Pro...move realiza 140 ações no período de dois anos: 4 edições da Revista NUPEART; 1 GRUPO DE ESTUDOS CER MICOS semestral; 32 cursos na área de cerâmica; 4 Cursos anuais na área da FOTOGRAFIA, 4 Curso de Música para Professores da Educação Infantil, coordenado pela prof. Teresa Mateiro; e os eventos anuais: 1 Edital Internacional de Residência Artística no CEART/UDESC; 7 EXPOSIÇÕES, 7 ENCONTROS COM ARTISTAS, 2 Festivais de Vídeos sobre a Arte Cerâmica, 1 Festival de Queimas Cerâmicas Alternativas, 2 Workshop, 1 Edital Internacional de PLACAS de ARTISTAS, além de 4 palestras e VISITAS A ATELIÊS DE ARTISTAS. Esse ano implantaremos os Projeto semestrais VÍDEO CER MICA e o Projeto PRATO SABOR. O Programa atinge um público de aproximadamente 10 mil pessoas, decorrentes de ações virtuais e presenciais, e tem como principais interessados profissionais e estudantes das áreas de Música, Teatro, Artes Visuais, Design, Moda, Dança, Pedagogia e comunidade externa de diversas áreas, interessados em Cultura e Arte. Para tal ações será necessário R\$ 16.000,00 que serão utilizados nas rubricas de pessoa física e pessoa jurídica, durante os dois anos de vigência do projeto. Bem como de três bolsistas com 20h cada um, para auxiliarem em todas as ações do Programa. A prof. Rosana Bortolin aloca 12h/a e a prof. Teresa Mateiro aloca 4h/a em seus PTIs. As ações têm abrangência nacional e internacional e parceria com o GP/CNPQ Articulações Poéticas e GP/CNPQ Arte Formação e Tecnologias nos Processos Contemporâneos; LIC- UDESC; IFRS-Feliz; e LIFECEART/UDESC.

A Enciclopédia Itaú Cultural apresenta artigo fazendo referência a uso esporádico de cerâmica em azulejo, da produção na ampla diversidade de sociedades indígenas e a cerâmica popular, como a produzida no Vale do Jequitinhonha (Minas Gerais), Mestre Vitalino em Caruaru (Pernambuco), Pará sobre a cerâmica marajoara.¹⁴

O repositório da Universidade Federal do Pernambuco dispõe de ampla bibliografia sobre a cerâmica no Estado¹⁵. Já na Universidade Federal do Maranhão, as atividades em cerâmica ocorrem na disciplina “Cerâmica” do curso de Artes Visuais; no Departamento de Design; no Programa de Pós-Graduação em Ciência dos Materiais, com a linha de pesquisa em Materiais vítreos e cerâmicos. E, na Universidade Federal do Pará dispõe de repositório institucional¹⁶. Vale ressaltar que as pesquisas em cerâmica são de abordagens de várias áreas acadêmico-científicas como: geociências, geoquímica, antropologia, arqueologia, paleontologia, arte, design, moda, etc.

Realizei pesquisa de busca na Sala do Artista Popular – SAP¹⁷ nos catálogos de exposição de nº 141 de 2008 a 196 de 2018 com as palavras-chave “cerâmica” e “artesanato de barro”, encontrando 16 exposições, destacando as exposições sobre o artesanato do Maranhão (Porto das Anas e das Louças, 2009; Fibras e tramas de Barreirinhas, 2012; Raposa de Redes e Rendas, 2015, catálogos 153, 178 e 182, respectivamente), conforme quadro abaixo.

ANO CATÁLOGO ESTADO	TÍTULO	ASSUNTO	PERÍODO	PESQUISA E TEXTO	IMPRESSA
2015 182 MA	Raposa de redes e rendas	1. Renda - Técnica. 2. Artistas populares - Maranhão.	Catálogo da exposição realizada no Rio de Janeiro no período de 10 de setembro a 18 de outubro de 2015.	Flávia Cerveira Tavares	Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2015. 36p.: il
2012 178 MA	Fibras e tramas de Barreirinhas	1. Artesanato em fibra vegetal - Maranhão. 2. Trançado - Buriti. 3. Produção Artesanal - Maranhão.	Catálogo etnográfico lançado durante a exposição realizada no período de 20 de dezembro de 2012 a 3 de fevereiro de 2013	Wilmara Figueiredo, Rio de Janeiro.	Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2012. 44 p.: il
2009 153 MA	Porto das Anas e das louças.	1. Arte popular - Maranhão. 2. Produção artesanal - Maranhão. 3. Cerâmica. 4. Artesanato em barro.	Catálogo da exposição realizada no período de 20 de agosto a 27 de setembro de 2009.	Wilmara Figueiredo	Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2009. 32 p.: il.

Quadro 1: Exposição sobre cerâmica em ordem decrescente
Fonte: CNFCP (Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular)¹⁸

¹⁴ Saiba mais em: <https://www.udesc.br/ceart/extensao/acoesdeextensao>

¹⁵ Pode ser consultado em: <https://repositorio.ufpe.br/>

¹⁶ Pode ser consultado no link: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/>

¹⁷ http://cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=124

¹⁸ Disponível em: < http://cnfcp.gov.br/interna.php?ID_Secao=124 >. Acesso em: 13 JAN 2018.

A cerâmica no norte do Brasil (Pará e Amapá)

Das culturas indígenas brasileiras que desenvolveram cerâmica, será abordado neste trabalho apenas um fragmento da imensa produção cultural dessas civilizações e, apenas um recorte na produção – análise de algumas peças cerâmicas, ficando o mais do que tais nações desenvolveram de fora do trabalho, por questões de delimitação/recorte metodológico. Portanto, a Cultura Marajoara, a Cultura Santarém, a Cultura Konduri – do Pará e, a Cultura Maracá – do Amapá, serão abordadas.

Cultura Marajoara

A Cultura Marajoara foi a que alcançou o maior nível de complexidade na pré-história brasileira. Tal complexidade se expressou na produção cerâmica, com excelente elaboração técnica, caracterizada por uma diversidade de formas e decorada com esmero. A coleção aqui exibida está relacionada com práticas cerimoniais, algumas encontradas em contextos funerários, outras com provável utilização em ritos de passagem. A iconografia Marajoara é fortemente centrada na figura humana assim como na representação de animais da floresta tropical atrelados a significados simbólicos que - “compõe um intrincado sistema de comunicação visual, que se vale de simetrias, elementos pareados, repetições rítmicas e oposições binárias, para reafirmar, transmitir e perpetuar sua visão de mundo” (MUSEU NACIONAL, 2007, p. 264).



Estatueta feminina oca em forma de falo

Fonte: Museu Nacional (2007)

400-1400 a. D. (cerâmica Marajoara da Ilha de Marajó), 23,5 cm (MUSEU NACIONAL).



Urna funerária em cerâmica

Fonte: Zanini (1983)

Urna funerária em cerâmica, Marajoara, tipo Arari Vermelho Exciso, procedente de Camutins, Marajó. Museu Goeldi, Belém. A decoração excisa é aquela em que se retiram da superfície da cerâmica, antes da queima, porções de vários tamanhos, formas e profundidades; o desenho, assim se constrói por linhas em relevo (ZANINI, 1983).



Urna funerária

Fonte: Hetzel; Negreiros (2007)

400-1400 a. D. (cerâmica Marajoara da Ilha de Marajó), 53 cm (MUSEU NACIONAL, 2007).



Vaso globular

Fonte: Museu Nacional (2007)

400-1400 a. D. (cerâmica Marajoara da Ilha de Marajó), (MUSEU NACIONAL)



Vaso antropomorfo

Fonte: Museu Nacional (2007)

400-1400 a. D. (cerâmica Marajoara da Ilha de Marajó), 21 cm (MUSEU NACIONAL).



Urna

Fonte: Museu Nacional (2007)

400-1400 a. D. (cerâmica Marajoara da Ilha de Marajó), 81 cm (MUSEU NACIONAL).

Cultura Santarém

Essa cultura floresceu na região do baixo rio Tapajós, se notabilizou pela produção de uma cerâmica com estilo muito peculiar, com emprego de técnicas de modelagem, incisão, ponteados e aplicação. Naturalistas e viajantes, desde o século XIX que por ali passaram, descreveram-na como composições naturalistas por conter profusão de apêndices de animais da floresta tropical. Estatuetas antropomorfas também se destacam pelo naturalismo das representações de homens e mulheres com atributos de prestígio e posições sociais. Essa cultura ainda é pouco explorada, o que inviabiliza maior conhecimento dos povos que a viveram (MUSEU NACIONAL, 2007).



Vaso antropomorfo

Fonte: Museu Nacional (2007)

A cerâmica Santarém é caracterizada por uma decoração rebuscada, na qual as figuras humanas ou de animais estão sempre presentes. O vaso cariátides é uma das peças mais representativas dessa cultura (Hetzl; Negreiros, 2007).



Estatueta antropomorfa feminina

Fonte: Museu Nacional (2007)

Cerâmica Santarém, Pará; 1000 a 1400 a. D.; 42,5 cm (MUSEU NACIONAL).



Vaso antropomorfo

Fonte: Museu Nacional (2007)

Cerâmica Santarém, Pará; 1000 a 1400 a. D.; 11 cm (MUSEU NACIONAL).



Vaso antropomorfo representando um homem sentado

Fonte: Hetzel; Negreiros (2007)

Cerâmica Santarém, Pará; 1000 a 1400 a. D.; 34 cm (MUSEU NACIONAL, 2007).

Cultura Konduri (contemporânea da Cultura Santarém)

Na região dos rios Trombetas e Nhamundá, aparecem numerosos sítios de uma cultura que, embora mantivesse intenso contato com Santarém, desenvolveu características próprias, evidentes em sua cerâmica exuberante, com decoração incisa e ponteados, e em seus raros artefatos, com pintura policroma (MUSEU NACIONAL, 2007, p. 282).

O vaso abaixo é um exemplar excepcional da cultura Konduri, pois apresenta intensa policromia, com motivos geométricos pintados com vermelho e preto sobre fundo branco. Apresenta “dois apêndices zoomorfos laterais, representando o urubu-rei, funcionam como elementos de preenchimento” (MUSEU NACIONAL, 2007, p. 282).



Vaso globular

Fonte: Museu Nacional (2007)

Cerâmica policroma Konduri, Pará, 28 cm

Cultura Maracá

No interior de grutas e abrigos-sob-rocha da região do Rio Maracá, foram encontrados vários cemitérios, que guardavam numerosas urnas funerárias em locais bem visíveis. Causando impacto e inspirando respeito em quem adentra esses espaços destinados aos mortos, as urnas atestam o vigoroso culto aos ancestrais praticado por essa cultura. Elas reproduzem figuras humanas masculinas e femininas em posição hierática – sentadas sobre bancos com forma de animais quadrúpedes – demonstrando tratar-se de sepultamentos de indivíduos de status elevado. A cabeça, em forma de cone truncado, corresponde à tampa da urna, fixada ao corpo cilíndrico por meio de orifícios de amarração. Uma de suas mais notáveis características é a posição extrovertida e antinatural dos cotovelos. Pinturas faciais e corporais em padrões geométricos nas cores branco, amarelo, vermelho e preto, bem como adornos na cabeça e nos membros, expressavam a identidade social do morto (MUSEU NACIONAL, 2007, p. 286).



Urna funerária antropomorfa
Fonte: Museu Nacional (2007)

Cerâmica Maracá, sul do Amapá, 34 cm; cerca de 1000 a. D. até o contato com os colonizadores europeus.



Urna funerária antropomorfa
Fonte: Museu Nacional (2007)

Cerâmica Maracá, sul do Amapá, 24,5 cm; cerca de 1000 a. D. até o contato com os colonizadores europeus.

Destaca-se aqui o livro/catálogo da Exposição-feira do artesanato do Pará – Arte Popular do Pará de 1973, promovido pelo Governo do Estado do Pará e pelo Instituto do Desenvolvimento Econômico-Social do Pará – IDESP, que apresenta as cerâmicas das culturas Marajoara e Santarém.

Com suas raízes na vivência cotidiana do homem, a arte popular apresenta-se, sem dúvida alguma, como a manifestação mais fiel da cultura de um povo, o qual, mesmo não dispondo de técnicas mais apuradas constitui a força expressiva da arte popular, a sua fonte vivificadora de inspiração (PARÁ-IDESP, 1973).

A arte popular caracteriza-se como uma arte ingênua, pois que está livre de fundamentos acadêmicos e sim em técnicas tradicionais, posto que é fincada na tradição, livre de influências externas. Típicas são as improvisações, uma vez que é livre para produzir, o artesão à improvisação recorre. O caráter imitativo da arte popular está em representar o espaço que o cerca (PARÁ-IDESP, 1973).

Os períodos cerâmicos da Bacia Amazônica registrados por C-14 são: 980 +/- 200 a. C. para a fase Ananatuba da Ilha de Marajó e 880 +/- 130 a. C. fase Periperi do Recôncavo Baiano. As tradições ceramistas na Amazônia representam grupos ou fases:

a) *Tradição hachurada zonada.* Caracteriza-se por decoração com linhas incisadas, quer isoladas ou definindo zonas de um hachurado fino, escovado ou engobo vermelho. Cachimbos tubulares em cerâmica estão associados a essa tradição. [...] as fases são Ananatuba, parte norte-central da Ilha de Marajó, [...].

b) *Tradição borda incisa.* É caracterizada por motivos incisados sobre as bordas horizontais dos vasos. Estatuetas, cachimbos, carimbos planos ou circulares em cerâmica estão associados a essa tradição (PARÁ-IDESP, 1973).

c) *Tradição policromada.* A exuberante decoração é sua principal característica, assim como a complexidade de padrões e variedades de técnicas e motivos. “A pintura vermelha e ou preta sobre engobo branco é a mais frequente; entretanto, incisões, excisões sobre superfícies ou com engobo vermelho e ou branco, também são representativas”. Os artefatos cerâmicos associados são “fusos, colheres, tangas, bancos e pequenos objetos de fino acabamento”. São representativos dessa tradição a fase Marajoara (A. D. 480 +/- 200 e A. D. 690 +/- 200) na Ilha de Marajó; Aristé (séculos XV e XVI) no Amapá; Guarita (A. D. 600 a 1300) à margem do Rio Negro; Tefé (A. D. 600 a 1300) margem esquerda do Solimões; Pirapitinga (A. D. 600 a 1300) à margem do Solimões e fronteira com o Peru (PARÁ-IDESP, 1973, p. 18)

d) *Tradição inciso ponteada.* Suas características são a “modelagem sob forma de baixos relevos ou adornos antropomorfos, zoomorfos ou antropozoomorfos sobre a borda ou paredes dos vasos. As incisões são predominantemente retílineas e os padrões desenhado sem finas linhas paralelas, uniformemente espaçadas com precisão”. Os objetos de origem europeia são encontrados, o que denuncia um contato pré-cabralino (Ibdem, p. 19).

A Tradição Mina e a Tradição Tupiguarani, além da cerâmica de Santarém não foram estudadas e sistematizadas devidamente para esta publicação, mas os organizadores apontam que esta última pode ser incluída na Tradição Inciso Ponteada.

Walter Zanini (1983) traz duas peças cerâmicas da Tradição Tupiguarani, conforme descritas abaixo.



Urna funerária
Fonte: Zanini (1983)



Vasilhame
Fonte: Zanini (1983)

Ambas peças são da Tradição Tupiguarani, subtradição Corrugada. A primeira tem decoração constituída por sulcos paralelos perpendiculares ou transversais à boca do vasilhame, produzidos por pressões do polegar na junção dos roletes de argila com os quais se executa o corpo do artefato. É proveniente do rio Tavares, Florianópolis, SC. Pertence ao Museu Universitário de Santa Catarina, Florianópolis. A segunda peça é um vasilhame cerâmica em forma de meia-esfera, de boca constricta, contorno composto, proveniente do interior do Estado de São Paulo. Pertence ao Museu Paulista da USP (ZANINI, 1983).

A cerâmica no nordeste do Brasil (Pernambuco)

Scott (1990) analisa e destaca a cerâmica de Caruaru, Olinda e Tracunhaém. O autor desaconselha a tentativa de se traçar um ponto de início ou origem da cerâmica no Estado de Pernambuco por dois motivos, dentre os quais: “porque não se ouve falar em tradição numa ‘tradição pernambucana’ de cerâmica” (p. 19) e, porque a construção de uma ‘pernambucanidade’ está impregnada da mesma imprecisão dos elementos de formação da identidade nacional. Nesta construção da identidade social, política e cultural, o Brasil caracteriza-se por uma idealização da mistura luso-europeia, negra e ameríndia.

Scott (1990) identifica que falta registro escrito da produção de cerâmica artesanal no Pernambuco. Em levantamento para a pesquisa, identificou os tipos: cerâmica estrutural; cerâmica de louças; cerâmica figurativa e decorativa (SCOTT, 1990).

O estabelecimento de um núcleo de produção de cerâmica artesanal depende de três fatores sócio-econômicos e culturais na determinação da manutenção e desenvolvimento desta atividade, a saber: viabilidade econômica para o produtor e para o mercado; criação simbólica da identidade do produto com o produtor e com o consumidor; apoio governamental, além de outras instituições que possam apoiar a atividade (SCOTT, 1990). Os produtores sempre reclamam da falta de apoio do governo.

A produção de cerâmica artesanal no Pernambuco se destaca por quatro tipos: ‘individuais’, ‘familiares’, ‘coletivas’ e ‘empresariais’ (SCOTT, 1990). Os processos pelos quais todo ceramista passa para elaborar suas peças são basicamente:

1) extração do barro (na jazida); 2) preparação do barro (peneiração, mistura, repouso); 3) preparação do corpo e das peças suplementares (a mão ou no torno, na banca); 4) modelação da peça completa (na banca); 5) acabamento (na banca); 6) secagem (diversos locais); 7) queima (no forno) (SCOTT, 1990, p. 37).

No processo de comercialização, Scott (1990) destaca seis tipos: o atravessador-artesão/artista – utilizam trabalhos de outros artesãos e fazem interferências como pinturas e colocam no mercado; o atravessador-revendedor – são distribuidores; atravessador-comerciante – dono de uma loja ou banca na feira; atravessador-colega – vende as cerâmicas do colega juntamente com as suas; atravessador-colecionador – atribuem uma ‘aura’ a certos produtos, individualizando-as; atravessador-promotor – geralmente, instituições ligadas a fomento da cultura popular.

Mestres que se renovam: a cerâmica popular de Tracunhaém (Ramos, 2010) é um projeto da SAP (Sala do Artista Popular) ligada ao Museu de Folclore Edison Carneiro que se detém exclusivamente sobre a produção de um local de produção de cerâmica artesanal. O Tracunhaém, agora analisado de forma individual, já teve a atenção nas pesquisas de Scott (1990).

A cerâmica no nordeste do Brasil (Maranhão)

A produção de cerâmica artesanal utilitária no Maranhão já teve seus dias áureos segundo os interlocutores da pesquisa, como seu José do Carmo e dona Maria.

O interesse da pesquisa se deu por ser a cerâmica uma disciplina que eu havia feito na graduação e por saber que o município de Rosário e Alcântara eram produtores de cerâmica artesanal, principalmente, potes e filtros para armazenamento de água. relembro minha infância e parte da adolescência, recordo-me que eram os potes e filtros os recipientes de armazenamento de água nas casas dos meus familiares e conhecidos. Posteriormente, foram sendo substituídos pelos filtros industriais e mais recentemente por água mineral via galão de plástico e bebedouro, podendo ser feita analogia ao filtro de cerâmica que é dividido em duas partes – a de cima para colocar a água para filtrar e a de baixo para armazenar esta água.

Da produção de Humberto de Campos, a informação veio por minha companheira de mestrado – Francisca Menezes – que, por ser humbertoense, conhece a história do lugar e me conduziu à casa da ceramista “Maria do Pote”. Curioso que até o momento da chegada à casa de Dona Maria, eu só via uma ceramista e depois da conversa que tivemos, tomei conhecimento de quem era minha interlocutora, principalmente quando me mostrou a tese que Denise Bogéa havia feito sobre seu trabalho com cerâmica. Sobre Rosário tomei conhecimento quando em conversa com Diego Lobato, ele me empresta o livro *Artesanato no Maranhão*, o qual contém um artigo da dissertação de Rosilene Lima que explorou a relação socioeconômico espacial do município de Rosário na contemporaneidade. O livro também discute a cerâmica de Alcântara por Raquel Noronha. Portanto, as referências bibliográficas básicas que sustentaram a pesquisa nesses locais que produzem cerâmica artesanal no Maranhão são: de Nunes (2003) com o artigo *Cerâmica: perpetuando o nosso saber ancestral*, de Desdédit Filho; Santos et al. (2016) em *Artesanato no Maranhão*; Lima (2013) *RELATOS DE MÃOS: a produção artesanal da cerâmica em Rosário-MA e Soares* (2016); *LIBELLUS MARIA DO POTE: Narrativas de pesquisa sobre mediação e visualidades populares*.

A partir do que se observou na olaria de Maria do Pote, de José do Carmo e da exposição do Festival Internacional de Folclore e Artes Populares realizado por ocasião do aniversário de São José de Ribamar em setembro de 2018, a cerâmica passa por um processo de interferência no percurso até chegar ao consumidor final.

As peças saem da olaria com alguma decoração feita na própria peça como explica Maria do Pote e como se pôde constatar em sua olaria, o mesmo acontecendo na cerâmica de José do Carmo. Este, apenas nos filtros e potes se observou pintura em forma de fita que enlaça a peça. Já as cerâmicas vistas na exposição do Festival, são receptadas nas olarias e recebem pinturas que variam conforme a criatividade do vendedor (veja fotografia abaixo).



Exposição de cerâmica no Festival Internacional de Folclore e Artes Populares em São José de Ribama

Fonte: Arquivos do autor



Olaria de Maria do Pote

Fonte: Arquivos do autor

No Maranhão, as primeiras referências sobre as cerâmicas utilizadas pelos Tupinambá foram descritas pelo capuchinho Claude d'Abbeville durante a ocupação francesa, que relata que os nativos possuíam grandes panelas de barro "e outros vasilhames grandes em forma de vasos", utilizados para preparar e armazenar o "manipoi" e o "cauim" durante as ocasiões festivas ou em práticas cerimoniais.

Atualmente, no Maranhão, ainda resistem alguns focos de produção da cerâmica artesanal, mais precisamente nos municípios de Rosário, Carutapera, Alcântara, Cajari, Humberto de Campos, Codó e Carolina, dentre outros, o que, de certa forma, parece garantir a perpetuação desse saber ancestral (DEUSDÉDIT FILHO, 1999, 2003).



Olaria de José do Carmo

Fonte: Arquivos do autor

Constatei em pesquisa de campo o que Deusdedit Filho relata sobre a industrialização substituir a cerâmica nos/dos municípios de Humberto de Campos através de dona Maria, conhecida pela profissão de ceramista como “Maria do Pote”. Dona Maria diz que é a única pessoa que ainda faz cerâmica em Humberto de Campos e lembra do tempo em que a produção era intensa e a procura era muito grande. Visitei a olaria de Dona Maria no dia 29 de setembro de 2018 pela primeira vez, na parte da tarde. Por estar doente, não estava presente, mas as pessoas da casa permitiram que eu conhecesse o espaço de produção – a olaria, onde encontrei vários vasos, todos cobertos de poeira. Na segunda visita, também na parte da tarde do dia 26 de janeiro de 2019, a encontrei e pude convidá-la a participar da pesquisa, o que prontamente aceitou. Entreguei e esclareci sobre o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e procedi à gravação em áudio e vídeo da entrevista com um roteiro semiestruturado.

Um amigo e ex-colega dos tempos do curso de Educação Artística que é rosariense estabeleceu a conexão com mais um sujeito da pesquisa. Na manhã do dia 30 de janeiro de 2019 segui para mais um dos municípios citados por Deusdedit Filho – Rosário. Me dirigi para a olaria de seu José do Carmo, procedendo pedido de permissão para a pesquisa, o qual também concordou e realizei a entrevista com o mesmo roteiro utilizado com dona Maria, mas fiz apenas áudio e solicitei que pudéssemos ser fotografados durante a entrevista, portanto, seguindo ritual análogo.

A cerâmica de Humberto Campos - Maria do Pote



Cerâmica decorativa

Fonte: Arquivos do autor



Fruteira de cerâmica

Fonte: Arquivos do autor



Pote cerâmico (decorativo ou utilitário)

Fonte: Arquivos do autor



Potes cerâmicos
Fonte: Arquivos do autor



Objeto cerâmico utilitário em forma de galinha
Fonte: Arquivos do autor



Forno para queima da cerâmica
Fonte: Arquivos do autor



Vista da frente da residência de Maria do Pote
Fonte: Arquivos do autor

A cerâmica de Rosário - José do Carmo



Filtros utilitários e cerâmica decorativa
Fonte: Arquivos do autor



Cerâmica decorativa ainda mole
Fonte: Arquivos do autor



Forno para queima da cerâmica
Fonte: Arquivos do autor



Filtros cerâmicos
Fonte: Arquivos do autor



Cerâmica decorativa ainda mole
Fonte: Arquivos do autor



Cerâmica decorativa e utilitária
Fonte: Arquivos do autor



Cerâmica decorativa
Fonte: Arquivos do autor



Cerâmica decorativa e utilitária
Fonte: Arquivos do autor

Pintura em cerâmica

Conforme dito acima, não são os oleiros que pintam a cerâmica. Confirmei essa informação com dona Maria e, também com Lima (2013) sobre os ceramistas de Rosário. Por ocasião do Festival ocorrido em São José de Ribamar, perguntei a um vendedor e disse que compra de vários oleiros (ceramistas) e realiza a pintura de forma criativa. Veja-se abaixo algumas peças por ele pintadas.



Cerâmica decorativa
Fonte: Arquivos do autor



Peças cerâmicas decorativas
Fonte: Arquivos do autor



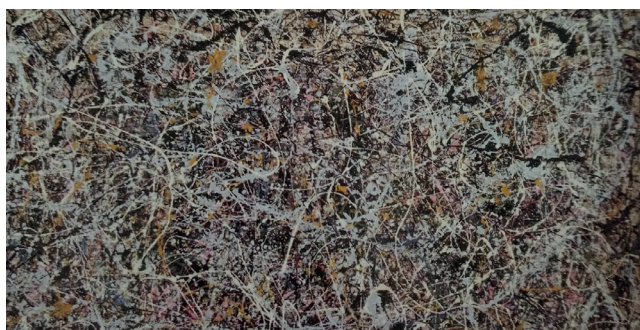
Peças cerâmicas decorativas
Fonte: Arquivos do autor



Vasos cerâmicos decorativos
Fonte: Arquivos do autor

A partir da observação na cerâmica das olarias de Rosário e de Humberto de Campos e nas peças exposta em São José de Ribamar, constatei que os oleiros fabricam suas peças de forma simples, ainda que considerem decorativa e distribuem. A decoração existente nessas cerâmicas é proveniente da criatividade do ceramista que faz as interferências na própria peça, como explicou Dona “Maria do Pote”. Já Seu Zé do Carmo chama sua produção que não é utilitária (filtros e potes, por exemplo) de artesanato.

Já os receptadores, ou, quem compra para revender, lança mão de pinturas decorativas as mais variadas sobre as peças cerâmicas. De um dos vendedores (vide figuras 77-80), pode-se observar pinceladas abstratas que pelo resultado visual remete à Arte Abstrata, mas também ao movimento da *action painting* – *Expressionismo Abstrato*, o qual como um dos principais artistas, Jackson Pollock (magens a seguir).



Um
Fonte: Gooding (2002)



Um
Fonte: Jason (2001)

A partir das aulas expositivas da história da cerâmica e do conhecimento dos materiais e técnicas em cerâmica, os alunos passarão para a fase de contato com a argila, realizando atividade prática de modelagem de peças cerâmicas que desperte interesse.

Apêndice 1

ATIVIDADE DE FIXAÇÃO 1

1. Caracterização da matéria-prima da cerâmica
 - a) Descreva o processo de transformação da rocha até a argila para preparação das cerâmicas.
2. Materiais e ferramentas
 - b) O que é argila?
 - c) Classifique as massas argilas.
 - d) Aponte algumas ferramentas utilizadas no preparo do barro em objetos cerâmicos.
 - e) Quais os tipos de fornos?
 - f) Qual a temperatura inicial e final no processo de queima das cerâmicas?

Discorra sobre sua percepção da cerâmica, elaborando concepções de cada uma das civilizações abordadas nas questões 3 a 22.

3. A história da origem da cerâmica
4. A cerâmica no Mundo Oriental
5. A cerâmica da China
6. A cerâmica da Coreia
7. A cerâmica da Japão
8. A cerâmica da Egito
9. A cerâmica da Mesopotâmia
10. A cerâmica no Mundo Ocidental
11. A cerâmica na Grécia
12. Civilizações pré-colombiana
13. A cerâmica pré-colombiana do México e América Central
14. A cerâmica no Sudoeste norte-americano
15. A cerâmica pré-colombiana Sul-americana – Peru
16. A cerâmica no Brasil
17. A cerâmica na região Norte do Brasil - Pará e Amapá
18. A cerâmica na região Nordeste do Brasil – Pernambuco
19. A cerâmica na região Nordeste do Brasil – Maranhão
20. Aponte as características da cerâmica de Humberto de Campos
21. Aponte as características da cerâmica de Rosário
22. Aponte características da cerâmica dos livros didáticos

Apêndice 2

ATIVIDADES DE FIXAÇÃO

1. Por que estudar cerâmica na escola?
2. Qual a importância dada à cerâmica pelos gregos?
3. Por que estudar as culturas indígenas e africanas?

Utilize as imagens da lista de imagens (pag. XX) para responder às perguntas abaixo delas

4. O que se pode dizer a respeito da imagem 1?
5. Que linguagens artísticas e materiais se pode dizer que os gregos utilizavam para expressar seus valores estéticos na imagem 2?
6. Qual narrativa poderia ter sido ilustrada na imagem 2?
7. Que elementos foram utilizados para representar a lenda do Minotauro na imagem 3?
8. Como o herói Teseu foi representado? (imagem 3)
9. Como o Minotauro foi representado? Ele parece ameaçador? (imagem 3)
10. Qual seria o significado dos olhos na decoração desse vaso? (imagem 3)
11. Qual é a importância do ato de Teseu no mito narrado? (imagem 3)
12. Como os gregos reconheciam as cenas representadas nessas pequenas pinturas? (imagem 3)
13. Em sua opinião, o que faz com que um personagem se torne um mito? (imagem 3)
14. Como você imagina a encenação grega clássica? (imagem 4 e 5)
15. De que maneira a religião se relaciona com o surgimento do teatro na Grécia antiga? (imagem 4 e 5)
16. Você já participou de algum grupo que buscava se expressar coletivamente, como uma torcida organizada, um coral ou um conjunto de pessoas em manifestação pública? Como essas experiências podem ser relacionadas? (imagem 4 e 5)
17. Que elementos Exékias utilizou para sintetizar o suicídio de Ájax? (imagem 6)
18. Como os artistas gregos realizavam ilustrações tão detalhadas usando apenas tinta preta? (imagem 6)
19. Em nossa sociedade, em que meios de comunicação se utiliza a linguagem do desenho para representar histórias de nosso imaginário? (imagem 6)
20. Entre as histórias de heróis narradas por meio de desenhos, quais foram as mais marcantes para você? (imagem 6)
21. Além das cênicas, pode-se observar a utilização de máscaras em outras situações do cotidiano. Cite pelo menos três dessas situações e qual a função das máscaras nesses casos. (imagem 7 e 8)
22. Para você, o que representa a imagem 9? De que material ela parece ser feita? Como você acha que foram feitas?
23. Considerando a cerâmica grega (vasos), qual importância da cerâmica (vasos, filtros, potes) feita no Maranhão?
24. Estabeleça entre os grupos de imagens abaixo, semelhanças e diferenças e, culturas.



1



2



3



1



2



3



1



2



3



1



2

Lista de Imagens



IMAGEM 1



IMAGEM 3



IMAGEM 4



IMAGEM 2



IMAGEM 5



IMAGEM 6



IMAGEM 8



IMAGEM 7



IMAGEM 9

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de Jerusalém**. 1. ed. 10. reimpr. 2015 rev. e ampl. – São Paulo: Paulus, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Trabalhar com Bourdieu**. Coord. Pierre Encrevé & Rose-Marie Lagrave; trad. Karina Jannini. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOZZANO Bruno B. et al. **Arte em interação**. 2. ed. – São Paulo: IBEP, 2016.

CER MICA. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo4849/ceramica>>. Acesso em: 13 de Jan. 2019. Verbete da Enciclopédia.
ISBN: 978-85-7979-060-7.

COSTA, Lucília Verdelho da. **25 séculos de cerâmica**. – 1. ed. – Editora Estampa, Lisboa, 2000. – (Coleção Teoria da Arte; 26).

DEUSDÉDT FILHO, Carneiro Leite. Cerâmica: perpetuando o nosso saber ancestral. In: NUNES, Izaurina Maria de Azevedo Nunes (org.). **Olhar, memória e reflexões sobre a gente do Maranhão**. - São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2003. Disponível em: <http://www.cmfolclore.ufma.br/site/wp-content/uploads/2015/03/Olhar-1-recuperado.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2019.

ENCICLOPÉDIA DOS MUSEUS (Museu de Belas-Artes de Boston). – 2. ed. - Companhia melhoramentos de São Paulo, indústrias de papel, 1969.

ENCICLOPÉDIA DOS MUSEUS (Museu de Antropologia Cidade do México). – 2. ed. - Companhia melhoramentos de São Paulo, indústrias de papel, 1970.

FERRARI, Solange dos Santos Utuari et al. **Arte por toda parte**: volume único. 2. ed. – São Paulo: TFD, 2016.

FRADE, Isabela. **Ceramicaviva** – no particular exercício de triangulação dos processos de consumo, contextualização e produção estética. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (Orgs.). A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais. – São Paulo: Cortez, 2010. p. 365-380.

GOODING, Mel. **Arte abstrata**. Trad. Otacílio Nunes; Valter Ponte. – São Paulo: Cosac Naif, 2002. – (Movimento da Arte Moderna).

HETZEL, Bia; NEGREIROS, Silvia (org.). **Pré-história brasileira**. – coordenação científica Madu Gaspar; fotos Bernardo Guimarães... [et al.]. – Rio de Janeiro: Manati, 2007.

HISTÓRIA EM REVISTA (ABRIL LIVROS). **A elevação do espírito**: A Pérsia em seu auge, O desabrochar helênico, A aura romana, A luz do Oriente (600-400 a. C.). – 1. ed. – 4. impr. - Rio de Janeiro: Editores de Time-Life Livros, 1991 [1995].

JANSON, H. W. **História geral da arte**. [adaptação e preparação do texto para a edição brasileira Maurício Balthazar Leal]. – 2. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001. – (v. 1).

LIMA, Rosilene Martins de. **RELATOS DE MÃOS**: a produção artesanal da cerâmica em Rosário-MA. Dissertação (Dissertação de Mestrado). – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioespacial e Regional). – Universidade Estadual do Maranhão. - São Luís, 2013.

_____. A cerâmica artesanal na contemporaneidade. In: SANTOS, Denilson Moreira et al (org.). **Artesanato no Maranhão**: práticas e sentidos. - São Luís: EDUFMA, 2016, p. 109-131.

MEIRA, Beá et al. **Percursos da arte**: volume único: ensino médio: arte. 1. ed. - São paulo: Scipione, 2016

NUNES, Izaurina Maria de Azevedo Nunes (org.). **Olhar, memória e reflexões sobre a gente do Maranhão**. - São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2003. Disponível em: <http://www.cmfolclore.ufma.br/site/wp-content/uploads/2015/03/Olhar-1-recuperado.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2019.

O MUSEU NACIONAL. São Paulo: Banco Safra, 2007.

MALLALIEU, Huon. **História ilustrada das antiguidades**. – São Paulo: Nobel, 1999.

PARIS, Lluís Castaldo. **Necessidad importancia de la cerámica como manifestación humana**. ISBN: 84-7492-788-9Espanha: Edicions do Castro, 1996. – (Cadernos do Seminário de Sargadelhos, 72).

POUGY, Eliana; VILELA, André. **Todas as artes**: volume único: arte para o ensino médio. 1. ed. – São Paulo: Ática, 2016.

RAMOS, Valena R. G. et al. (org.). **Mestres que se renovam: a cerâmica popular de Tracunhaém**. – Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2010.

ROCHA, Maurílio Andrade et al. **Arte de perto**: volume único. – 1. ed. – São Paulo: Leya, 2016.

ROS I FRIGOLA, Maria Dolors. **Cerâmica artística**. – 1. ed. – Barcelona, Espanha: Parramón Ediciones S. A.; Lisboa, Portugal: Editorial Estampa Lda., 2006.

_____. **Cerâmica**. – 1. ed. – Barcelona, Espanha: Parramón Ediciones S. A.; Lisboa, Portugal: Editorial Estampa Lda., 2002

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do Pensamento Abissal**: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n79/04.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

SANTOS, Denilson Moreira et al (org.). **Artesanato no Maranhão**: práticas e sentidos. - São Luís: EDUFMA, 2016.

SCOTT, R. Perry (Coord.). **O artesão de cerâmica em Pernambuco**. Recife, SUDENE, Univ. Fed. PE, 1990. 236 p. il (SUDENE, Cerâmica Artesanal do Nordeste, 1).

SOARES, Denise Bogéa. **LIBELLUS MARIA DO POTE**: Narrativas de pesquisa sobre mediação e visualidades populares. Tese (Tese de Doutorado). – Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual. – Universidade Federal do Goiás: Goiânia, 2016.

ZANINI, Walter (org.). **História da arte no Brasil**. – 1. Ed. – São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983, 2v., il.